

OLIMPÍADA

para Professores de
Língua Portuguesa

8ª edição - 2026

TRILHAS PEDAGÓGICAS

CRÔNICA





FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lucas, Patrícia de Oliveira
Trilhas pedagógicas [livro eletrônico] : crônica :
olimpíada para professores de língua portuguesa :
8ª edição / Patrícia de Oliveira Lucas, Carolina
Aurea Cunha Rio Lima, Gilson Araújo Mendes Júnior.
--
1. ed. -- Teresina, PI : Editora da Universidade
Federal do Piauí - EDUFPI, 2026.
PDF

ISBN 978-65-5904-460-3

1. Educação - Finalidades e objetivos 2. Ensino -
Metodologia 3. Língua portuguesa (Ensino fundamental)
I. Lima, Carolina Aurea Cunha Rio. II. Mendes Júnior,
Gilson Araújo. III. Título.

26-345051.0

CDD-372.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Língua portuguesa : Ensino fundamental 372.6

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

FICHA TÉCNICA

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO | MEC

Ministro da Educação

Camilo Sobreira de Santana

Secretário Executivo

Leonardo Barchini Rosa

Secretária de Educação Básica | SEB

Katia Helena Serafina Cruz Schweickardt

Diretora de Políticas e Diretrizes da Educação Integral Básica

Tereza Santos Farias

Coordenador Geral de Ensino Fundamental

Victor Augusto Both Eyng

Coordenadora de Projetos

Érika Botelho Guimarães

Analista Técnica de Políticas Sociais

Joana Santos Rocha

Analista Administrativa

Leticia Ribeiro da Costa do Carmo

Técnica em Secretariado

Cecília Vieira Freire

Pós-produção CEAD/UFPI

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

Reitora

Nadir do Nascimento Nogueira

Vice-reitor

Edmilson Miranda de Moura

Produção e Organização do Conteúdo

Patrícia de Oliveira Lucas

Carolina Aurea Cunha Rio Lima

Gilson Araújo Mendes Júnior

Apoio

Adelaide Ravena de Sousa Silva

Isadora de França Veloso

CENTRO DE EDUCAÇÃO ABERTA E A DISTÂNCIA

Diretor

Ildemir Ferreira dos Santos

Vice-Diretor

Leomá Albuquerque Matos

Coordenadora do Setor de Produção de Material Didático

Maria do Socorro de Andrade Oliveira

Supervisora do Setor de Produção de Material Didático

Mariana Barros Pereira

Revisão textual

Elizandra Dias Brandão

Projeto gráfico

Ione Gonçalves dos Santos

Diagramação

Vilsselle Bastos

EQUIPE OLIMPÍADA PARA PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

Coordenadora

Livia Fernanda Nery da Silva

Coordenadora Adjunta

Patrícia de Oliveira Lucas

Coordenador Adjunto de Tecnologia

Francisco das Chagas Imperes Filho

Foto de capa: @Wavebreak Media | Freepik

Caminhando rumo à oitava edição da Olimpíada para Professores de Língua Portuguesa



Queridos(das) professores(as),

Esperamos que todos estejam com bastante energia e disposição para seguir rumo às trilhas pedagógicas que, com carinho, preparamos para vocês!

A ideia deste material não é prescrever o que deve ou não deve ser feito por cada um, especialmente porque entendemos que o Brasil é pluricultural, e cada contexto tem suas próprias particularidades. Dessa forma, o que apresentamos é uma proposta que convida vocês a refletir durante o percurso por essas trilhas, promovendo, desse modo, no ambiente escolar, um ensino crítico que fortaleça boas práticas, as quais poderão ser compartilhadas com outros(as) professores(as) em futuras edições das Olimpíadas.

Nesse sentido, cada uma das estações propostas pelo material aborda tópicos importantes que precisam ser bem compreendidos, para que assim a utilização deles seja feita com ética, coerência e segurança por vocês, os(as) professores(as).

O material abarca os gêneros poema, crônica, biografia e artigo de opinião, além do bônus "estudo de texto", o qual deve ser trabalhado de forma transversal. Para cada um desses gêneros, há sugestões de atividades e leituras complementares, com o objetivo de colaborar com a sua preparação para a **8ª Olimpíada para Professores de Língua Portuguesa (OPLP)**.

A ideia das estações nas Trilhas Pedagógicas foi pensada para que vocês professores(as), tenham autonomia para decidir o quanto precisam percorrer e o quanto devem investir em cada uma delas, de acordo com as séries finais do Ensino Fundamental para as quais vocês lecionam. Isso quer dizer que não há um caminho certo ou errado, e vocês podem traçar rotas diferentes que melhor atendam a realidade de seus públicos-alvo, pensando sempre na preparação para a Olimpíada.

Nesse momento, talvez vocês estejam se perguntando: "Mas então posso fazer o que eu quiser, da maneira que achar melhor?" Vejam bem. Há regras, claro. Há critérios de avaliação que vocês devem observar e levar em consideração, e isso vale para

todos os envolvidos. Todavia, as estratégias que vocês irão utilizar, as atividades que irão planejar e os exercícios que irão propor, sempre com base em suas práticas educacionais e de acordo com as séries em que atuam, é o que os(as) torna únicos(as) nessa competição.

Nosso material tem partes interativas, e você encontrará oportunidades para escrever sobre suas experiências ao utilizá-lo. Vocês também poderão fazer questionamentos e sugerir contribuições para edições futuras, especialmente porque todo material pode e deve ser adaptado, e a opinião de quem está com a mão na massa é fundamental durante o desenvolvimento de materiais didáticos.

Além desses materiais, faremos algumas *lives* para apresentá-los e para tirar dúvidas sobre a maneira como eles podem ser utilizados, bem como conteúdos digitais que vocês poderão acompanhar, acessar e comentar em nossa página. Para isso, fiquem atentos ao cronograma que será disponibilizado em nosso site.

Preparem seus equipamentos e levem consigo o que considerarem importante durante esse percurso. Estejam atentos a adicionar na bagagem tudo aquilo que possa colaborar não apenas para a OPLP, mas para a educação básica e de qualidade que queremos para nosso país.

Vamos juntos(as)!

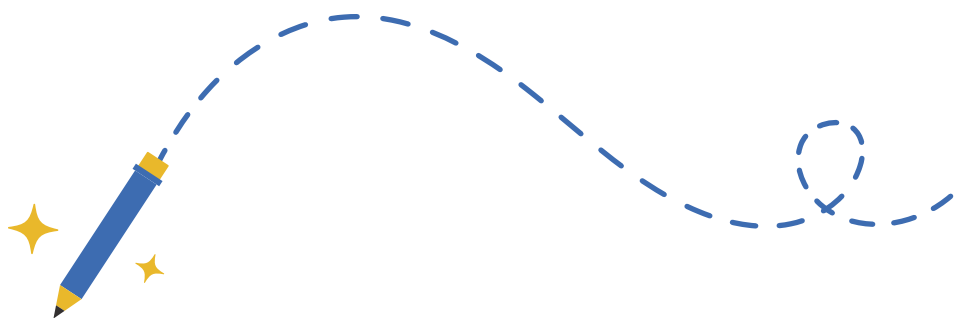
Boa caminhada, professores(as)!

Os autores

Patrícia de Oliveira Lucas

Carolina Aurea Cunha Rio Lima

Gilson Araújo Mendes Júnior



Mapa da Trilha Pedagógica



PONTO DE
PARTIDA
08

PROGRESSO
EM CURSO
23



RECARGA
DE SABERES
48



TRAÇANDO
ROTAS
29



ÁREA DE DESCANSO
E MEDITAÇÃO
46



HORA DO
ALONGAMENTO
66



PONTO DE
CHEGADA
76

✦ CONVITE AO MATERIAL BÔNUS 85

✦ REFERÊNCIAS 89



ESTAÇÃO

Ponto de partida

Aqui é a estação em que explicitamos os elementos que constituem o gênero. Quais elementos devem ser considerados no desenvolvimento dos textos e quais devem ser evitados. O que deve ser observado com relação à linguagem, bem como os elementos que são importantes para o desenvolvimento do gênero, dentre outros requisitos. É importante compreender os conceitos que trazemos no ponto de partida, especialmente porque eles representam a base para todo o caminho que vocês percorrerão durante as trilhas.

OBJETIVO: Reconhecer elementos importantes para a leitura e a escrita do gênero.

CONTEXTO JORNALÍSTICO X CONTEXTO LITERÁRIO X CONTEXTO ESCOLAR

Seria a crônica um gênero pertencente ao contexto jornalístico ou ao contexto literário? Ou a ambos? Um epíteto proposto seria “serva de dois senhores” (Pinto, 2015).

O QUE SERIA UM GÊNERO? Há um conceito que nos guia na discussão deste material, o de Bakhtin (1997, p. 279): “Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso”.



REFLEXÃO

Com base no conceito apresentado, o gênero pode ser considerado como uma classe de respostas estáveis a determinadas situações de interação social – e não apenas uma resposta isolada individual – que são influenciadas pela situação comunicativa que se repete, pelo papel social e pelo grupo social. Por exemplo, o gênero crônica não é um único texto de um autor, mas um conjunto de respostas que são produzidas por diversos escritores, que refletem sobre aspectos da vida cotidiana por meio de recursos estéticos literários

A crônica, publicada inicialmente nos jornais, com o passar do tempo, passou também a ser publicada em livros, e essa mudança do suporte poderia já indicar o limiar entre esses dois lugares de pertencimento do gênero, uma vez que os livros possuem um caráter mais perene e lento, associado à publicação de literatura, seja prosa ou poesia. Já os jornais, revistas etc., possuem esse caráter mais mutável, haja vista que, no dia – ou na semana – seguinte, novos textos serão publicados e as notícias e comentários de “ontem” podem já não ser mais considerados na publicação seguinte.

O TERMO “SUPORTE” pode ser entendido como espaços em que “se instanciam textos de diversos gêneros” (Bezerra, 2017, p. 39). Por exemplo, o livro e a revista são diferentes suportes para a crônica, que é o gênero.

Outro aspecto a ser considerado é que, enquanto gênero pertencente à esfera jornalística, a crônica seria considerada um comentário jornalístico sobre um acontecimento do cotidiano que se apropria de recursos de linguagem literária (Pinto, 2015); em outras palavras, o gênero crônica seria uma opinião do jornalista sobre fatos que sucederam em seu entorno, utilizando um estilo mais literário, por meio de figuras de linguagem, por exemplo. Contudo, é justamente essa apropriação do literário que dificulta a classificação da crônica apenas como um texto jornalístico opinativo (Neiva, 2005).

O trabalho com as palavras, de modo sutil, subjetivo, poético (Martinho; Marques, 2020), retira da crônica a objetividade e a impessoalidade de uma notícia (Pinto, 2015), assim como retira dela o compromisso com o tempo. O fato utilizado para construir o texto, não necessariamente precisa estar ancorado no tempo presente; antes, esses acontecimentos estão relacionados a significações interiores ou a reflexões para além do aspecto realístico (questões filosóficas, metafísicas, existencialistas): “a multiplicidade de significados emitida pelo discurso cronístico, bem como sua capacidade de imprimir renovações aos recursos linguísticos, fazem dele um gênero narrativo que supera a referencialidade jornalística” (Neiva, 2005, p. 129).

A crônica se distingue ainda de um artigo de opinião, por exemplo, pois este está fortemente conectado com o tempo presente, com os acontecimentos mais próximos de sua escrita, bem como está relacionado a grandes acontecimentos controversos. A crônica, por outro lado, “trata de fatos corriqueiros, das vivências das pessoas” (Martinho; Marques, 2020, p. 126), sem a necessidade da marcação de um tempo presente e próximo ao momento de produção do texto.

A partir da discussão proposta, pode-se entender que a crônica serve, de fato, a dois senhores. Em parte, serve ao contexto jornalístico quando se atém, mesmo com uma abordagem mais literária, a “noticiar, comentar, acontecimentos cotidianos, junto à exposição da opinião do autor” (Santos; Striquer, 2017, p. 188) e é influenciada pelo seu suporte e por seus escritores-jornalistas (Neiva, 2005). Serve ao contexto literário, porque o(a) escritor(a) não trata do tema de qualquer maneira, mas o faz de maneira subjetiva, levando o leitor a refletir sobre situações inusitadas e cotidianas, dando novas dimensões aos fatos, tratando-os de forma criativa e renovada e suscitando diversos sentidos (Neiva, 2005) – opondo-se à objetividade dos gêneros jornalísticos.

Quadro 1 – A crônica nos contextos jornalístico e literário

Contexto	Publicação em jornais, revistas, sites e livros
Finalidades comunicativas	• Noticiar e comentar acontecimentos cotidianos, junto à exposição da opinião do autor sobre a questão; • Debater, refletir e expor a opinião de um sujeito a respeito de fatos do cotidiano social. • Registrar “os instantâneos da vida moderna”, as transformações, as novidades, os encontros e desencontros, as miudezas diárias e o lado oculto das coisas imperceptíveis; • Contrapor as notícias sérias e graves, permitindo que o leitor possa respirar, relaxar, pensar um pouco e ir além da mera informação; • Contar uma história; • Provocar reflexão;
Evento deflagrador *	• Publicação de jornal, revista ou livro; • Convite para escrever;
Escritor	• Jornalista; • Escritor
Leitor/Interlocutor	• Os leitores do suporte em que a crônica foi publicada
Temas	• Fatos do dia a dia, do cotidiano, corriqueiros; • Questões da vida, da vivência das pessoas; • Fatos atraentes ao leitor; • As transformações, as novidades, os encontros e desencontros, as miudezas diárias e o lado oculto das coisas imperceptíveis; • Atuais;

Tratamento do tema

- Informal;
- Pessoal, ou subjetivo;
- Relaxado, desimportante;
- Sentimental;
- Analítico ou crítico;
- Reflexivo;
- Sutil;
- Poético ou lirismo;
- Metafórico;
- Humorístico;
- Irônico

* Sinônimo: **Evento desencadeador**. O que é? Razão que estimula um indivíduo a tomar a palavra (Alves Filho, 2011).

Fonte: Elaborado com base em Neiva, 2005; Pinto, 2015; Santos; Striquer, 2017; Aquino; Silva; Soares; Aquino, 2019; Martinho; Marques, 2020.

Levanta-se, como consequência da elaboração desta trilha e da escrita da crônica nos contextos jornalístico e literário, seu lugar no contexto escolar. Por que a crônica é um gênero a ser trabalhado na escola?

Em termos de leitura, a crônica permite ao estudante entrar em um mundo diferente do que ele vive e ir a outros lugares, ao mesmo tempo em que pode tratar de assuntos conhecidos e próximos a esse grupo, tornando-se significativa e contribuindo para que os estudantes reflitam sobre suas vidas, sobre suas realidades (Martinho; Marques, 2020). Isso ocorre pela função comunicativa da crônica de fazer refletir sobre o tema narrado, por meio do ponto de vista do(a) escritor(a).

Em termos de escrita, a crônica é um gênero narrativo, de linguagem fácil, coloquial e informal, mais próxima da oralidade (Aquino; Silva; Soares; Aquino, 2019), ainda que utilize metáforas, ironias, dentre outras figuras de linguagem, que permitem uma abordagem literária ou poética da narrativa (Martinho; Marques, 2020). Assim, torna-se possível trabalhar elementos linguísticos importantes e, por sua linguagem coloquial, há maior facilidade para os alunos desenvolverem seus textos com base em fatos do seu próprio cotidiano – “funcionando como instrumento concreto de participação social” (Aquino; Silva; Soares; Aquino, 2019, p. 4).

Em termos de ensino, as crônicas são encontradas em diversos suportes e são de fácil acesso ao(a) professor(a); e, por ser um texto curto, permite sua leitura e análise na duração de uma aula (Martinho; Marques, 2020), evitando interrupções no raciocínio e nas reflexões propostas, aprofundando-se na leitura e na discussão.

Quadro 2 – A crônica no contexto escolar

Contexto	Atividade escolar de produção textual	
Finalidades comunicativas	• Refletir e expor a opinião de um sujeito a respeito de fatos do cotidiano social; • Registrar "os instantâneos da vida moderna", as transformações, as novidades, os encontros e desencontros, as miudezas diárias e o lado oculto das coisas imperceptíveis; • Contar uma história; • Provocar reflexão;	
Evento deflagrador *	• Comando de produção do(a) professor(a);	
Escritor	• Estudante;	
Leitor/Interlocutor	• O(a) professor(a); • Os colegas de sala;	
Temas	• Fatos do dia a dia, do cotidiano, corriqueiros; • Questões da vida, da vivência das pessoas; • Fatos atraentes ao leitor; • As transformações, as novidades, os encontros e desencontros, as miudezas diárias e o lado oculto das coisas imperceptíveis; • Atuais;	
Tratamento do tema	• Informal; • Pessoal, ou subjetivo; • Relaxado, desimportante; • Sentimental; • Analítico ou crítico; • Reflexivo; • Sutil; • Poético ou lirismo; • Metafórico; • Humorístico; • Irônico	

* Sinônimo: **Evento desencadeador**. O que é? Razão que estimula um indivíduo a tomar a palavra (Alves Filho, 2011).

Fonte: Elaborado pelos autores com base em Neiva (2005); Pinto (2015); Santos; Striquer, (2017); Aquino; Silva; Soares; Aquino, (2019); Martinho; Marques (2020).

Consulte o material do Cenpec (p. 24) sobre o gênero crônica. ([Acesse aqui](#)).

QUIOSQUE DE INFORMAÇÕES (clique nos links para acessar)

▶ **Vídeo:** [O que é a crônica? | Características, autores e exemplos | gêneros narrativos](#)

📄 **Textos:** VIEGAS, Ana Cristina Coutinho. A crônica na sala de aula da educação básica. Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura, São Cristóvão-SE, v. 21, 2014 Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/download/2583/2208/6999>

BARATA, P. J. V. (2013). A vida como ela é : a esbofeteada e delicado entre a crônica e o conto, algumas considerações. Estação Literária, 11, 309–325. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/28280/0>

🔍 **Sites:** [Crônica: características, tipos e exemplos.](#)

[A Crônica | Portu.guês](#)



TEMA E TRATAMENTO DO TEMA

Do ponto de vista teórico, o tema de um gênero não deve ser compreendido como o assunto individual de cada texto (Alves Filho, 2011). Por exemplo, os assuntos das crônicas são inúmeros, por serem diversos acontecimentos ou fatos que podem ser abordados no cotidiano. Perguntamo-nos, então, o que os aproxima uns dos outros? Isto é, o que se pode perceber de previsível entre os assuntos das crônicas?

A seguir, são listados alguns temas, no entanto, vale fazer a ressalva de que nem sempre os temas necessitam ser atuais, haja vista a possibilidade da crônica se distanciar do tempo para enfatizar o acontecimento e a reflexão sobre ele. A atualidade do tema estaria mais relacionada a uma função comunicativa mais próxima do contexto jornalístico - noticiar, comentar acontecimentos cotidianos junto

à exposição da opinião do autor sobre a questão –, quando o evento deflagrador é um pedido específico do editor da revista sobre um tema atual.

No contexto escolar, isso pode não ser considerado essencial, já que uma das metas da produção do gênero crônica é a familiaridade ou proximidade do tema com a vida dos estudantes.

- **Fatos do dia a dia, do cotidiano, corriqueiros;**
- **Questões da vida, da vivência das pessoas;**
- **Fatos atraentes ao leitor;**
- **As transformações, as novidades, os encontros e desencontros, as miudezas diárias e o lado oculto das coisas imperceptíveis;**
- **Atuais.**

Assim, pode-se indicar que o tema da crônica são fatos ou acontecimentos cotidianos, próximos à realidade do(a) escritor(a), que lhe sejam atraentes e gerem reflexão.

Tratamento do tema

O tratamento do tema refere-se ao modo como, recorrentemente, o tema é tratado, isto é, a maneira como os escritores falam sobre esses assuntos (Alves Filho, 2011). A seguir, apresentamos os recortes das informações apresentadas nos Quadros 1 e 2.

Quadro 3 – Tratamento do tema no gênero crônica

Tratamento do tema	• Informal; • Pessoal, ou subjetivo; • Relaxado, desimportante; • Sentimental; • Analítico ou crítico; • Reflexivo; • Sutil; • Poético ou lirismo; • Metafórico; • Humorístico; • Irônico
---------------------------	---

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

Apesar de os Quadros 1 e 2 trazerem informações sobre contextos diferentes, torna-se um empreendimento difícil limitar o tratamento no contexto escolar de maneira a distingui-lo dos contextos jornalístico e literário, devido a esse caráter literário que acompanha o gênero crônica. Por essa razão, entende-se que cabe ao(a) professor(a), conhecendo sua turma, propor a ênfase ou selecionar certos tipos de tratamento do tema – adequando, portanto, o comando de produção.

QUIOSQUE DE INFORMAÇÕES (clique nos links para acessar)

▶ **Vídeo:** [Crônica narrativa - Brasil Escola](#)

📄 **Texto:** FERREIRA, Raquel Linares. O gênero crônica e suas peculiaridades tipológicas: texto e discurso nas modalidades oral e escrita. 2016. 95 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/14379>

🔍 **Site:** [Gêneros textuais: Crônica | Redação Online](#)



VOZES DO TEXTO

No gênero crônica, não se pode afirmar que a voz predominante seja a do narrador, pois o diálogo é um recurso bastante utilizado no desenvolvimento da narrativa.

Por meio dos discursos direto e indireto, o narrador pode trazer diversas vozes para o texto. O discurso direto dá voz aos personagens de maneira mais explícita. Não é o narrador que fala, mas um personagem específico. Ao utilizar o discurso indireto, a voz do narrador e a dos personagens se misturam.

Consulte o material do Cenpec (p. 60) sobre o gênero crônica e os tipos de discurso. [\(Acesse aqui\).](#)

É possível ainda que sejam percebidas, ao longo do texto, vozes que representam pensamentos ou posicionamentos reconhecidos socialmente – seja por um indivíduo, seja por um grupo social, seja por uma instituição, seja em um contexto específico, como a internet ou uma rede social, acrescentando à narrativa esse aspecto de reflexão e de criticidade sobre o acontecimento cotidiano.

Com o uso de um discurso em primeira pessoa, o narrador se torna personagem e faz presente seu ponto de vista e sua voz de maneira mais pessoal e subjetiva. Com a utilização da terceira pessoa, o narrador se apresenta como observador, distanciando-se dos acontecimentos da narrativa. A depender do foco narrativo, algumas vozes podem se sobressair ao longo do texto.

Consulte o material do Cenpec (p. 117) uma sistematização das características do gênero crônica. ([Acesse aqui](#)).

QUIOSQUE DE INFORMAÇÕES (clique nos links para acessar)

▶ **Vídeo:** [Diferentes Vozes da Narração - Brasil Escola](#)

📄 **Texto:** SANTOS, Ana Cecília Nascimento e. Gênero crônica em sala de aula : análise dos mecanismos enunciativos na promoção de uma competência textual-discursiva. 2016. 131 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana, SE, 2016 . Disponível em <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/6462>

🔍 **Site:** [O que é Voz Narrativa? Entenda o Conceito e Suas Principais Características | Blog UICLAP](#)



COMPOSIÇÃO: ORGANIZAÇÃO DAS INFORMAÇÕES

Por seu aspecto literário, é difícil que haja uma organização padrão ou esperada nos exemplares das crônicas, havendo diferentes esquemas estruturais possíveis, relacionados aos efeitos que se quer causar no leitor.

Santos e Striquer (2017) apresentam a seguinte estrutura para as crônicas que analisaram: título, texto propriamente dito e assinatura do autor. Esse resultado da pesquisa realizada, porém, é limitado e pouco ajuda na produção do texto de fato, mas auxilia na identificação da importância da presença do título e da assinatura do(a) escritor(a).

No contexto escolar, se o foco for a narração dos fatos, sugerem-se os seguintes momentos da narrativa (Aquino; Silva; Soares; Aquino, 2019, p. 5): situação inicial, conflito, clímax e desfecho. Cardoso (2008) faz uma interessante observação acerca disso. Apesar de manter essa estrutura narrativa, que pode ser confundida com um conto, por exemplo, a crônica já começa perto do final, perto do clímax, devido a ser um gênero mais curto. Não há espaço para sequências descritivas longas, mas há uma urgência de apresentar o assunto central, desenvolvê-lo e concluí-lo. Por isso, também, o número de personagens é limitado ou reduzido; às vezes, não há personagens.

QUIOSQUE DE INFORMAÇÕES (clique nos links para acessar)



▶ **Vídeo:** [Crônica – pretexto, situação inicial, conflito, clímax, desfecho e comentário](#)

📄 **Texto:** SOUZA, Ramísio Vieira de; VIANA, Janielly Santos de Vasconcelos; ALMEIDA, Maria de Fátima. Os modos de ler os gêneros conto e crônica na sala de aula. In: MAMEDES, Rosilene Felix; RODRIGUES, Hermano de França (org.). Palavras e seus múltiplos sentidos: linguagem, ensino e interdisciplinaridade. São Paulo: Pá de Palavra, 2020. v. 1, p. 25-37. E-book. Disponível em: <https://contatosempreendimentos.com.br/site/files/publicacoes/ebooks/pa-de-palavra/ebook-palavras-multiplos-sentidos-vol1.pdf>.

QUIOSQUE DE INFORMAÇÕES (clique nos links para acessar)

 **Site:** [Como fazer uma crônica. | Toda matéria](#)

ASPECTOS LINGÜÍSTICOS

O diálogo

Um dos aspectos marcantes da crônica é a presença do diálogo. Esse diálogo pode ser entendido de duas maneiras. A primeira é o diálogo entre os personagens. A segunda é o diálogo entre o narrador e o leitor.

Em relação ao diálogo entre os personagens, o recurso linguístico mais utilizado é o **travessão**. Isso ocorre para a mobilização do discurso direto, dando maior agilidade às trocas entre os personagens e avançando a narrativa.

Em relação ao diálogo entre narrador e leitor, o tom conversacional se dá pela **oralidade**. No trabalho de Kozow (2013), os dados destacam expressões próprias de conversas cotidianas, **marcas conversacionais**, como: "Nossa!", "Hum!", "Agora sim", "Ah". Há ainda a presença de perguntas que o narrador faz diretamente para o leitor, envolvendo-o, mesmo que o leitor não precise responder.

Linguagem coloquial

Por ser um gênero que busca envolver o leitor em uma conversa com o narrador, ao mesmo tempo em que aborda temas do cotidiano, a crônica permite o uso de uma linguagem mais coloquial, sem o incentivo da norma culta. O **coloquialismo** serve para a construção da reflexão que se quer fazer, além de poder ser utilizado para caracterizar os personagens em suas falas. Assim, pode-se utilizar gírias, palavras encurtadas, regionalismos, dentre outras possibilidades.

A abordagem literária

O poético ou o lirismo da crônica, o seu trabalho com a linguagem que a insere também no contexto literário, pode ocorrer pelo uso das **figuras de linguagem**. Esses recursos linguísticos ajudam ainda a deixar mais claro o tratamento do tema, por exemplo, se há ironia, hipérbole, eufemismos, metáforas, dentre outras possibilidades.

Consulte o material do Cenpec (**p. 55**) sobre a crônica, um quadro resumo com algumas possíveis figuras de linguagem a serem utilizadas nas produções dos alunos. ([Acesse aqui](#)).

QUIOSQUE DE INFORMAÇÕES (clique nos links para acessar)

▶ **Vídeo:** [Gênero crônica | Youtube](#)

📄 **Texto:** SANTOS, Ana Cecília Nascimento e. Gênero crônica em sala de aula: análise dos mecanismos enunciativos na promoção de uma competência textual-discursiva. 2016. 131 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana, SE, 2016 . Disponível em https://www.bdtd.uerj.br:8443/bitstream/1/6658/1/Ivonete%20Rodrigues%20Lopes_Dissertacao.pdf

🌐 **Site:** [Crônica: o que é, exemplos e quais são os tipos de crônicas | Quero bolsa](#)



TÍTULO

Na BNCC (Brasil, 2018, p. 163), a elaboração do título está relacionada à capacidade de utilizá-lo como um recurso persuasivo em textos argumentativos (EF67LP07), além de poder ser considerado uma antecipação do sentido global dos textos

(EF07LI06) (Brasil, 2018, p. 253). Em relação ao gênero crônica, isso aponta para algumas reflexões:

- O título persuade o leitor a se interessar pela leitura do texto;
- O título antecipa o assunto que será discutido ao longo do texto.

A **habilidade EF07LI06** está relacionada aos textos em língua inglesa e não portuguesa, mas, entendemos que essa consideração sobre o sentido global do texto se relaciona diretamente à elaboração dos títulos do artigo de opinião.

Como ler o código alfanumérico na BNCC (BRASIL, 2018, p. 30)?

EF67LP07: EF - Ensino Fundamental; 67 - 6º e 7º anos; LP - Língua Portuguesa; 07 - sétima habilidade apresentada.

EF07LI06: EF - Ensino Fundamental; 07 - 7º ano; LI - Língua Inglesa; 06 - sexta habilidade apresentada.

A persuasão da leitura, no caso da crônica, pode ser complementada pela expectativa do que se trata o texto. A partir do título, o leitor levanta possibilidades do que será discutido e, somente com a leitura, será possível saber o que foi abordado e se as expectativas se cumprem.

LISTA DAS CRÔNICAS PRESENTES NA TRILHA

Ao longo desta trilha, estas serão as crônicas a serem lidas e analisadas:

- A rua, de João do Rio
- Uma anedota, de Lima Barreto
- As enchentes, de Lima Barreto
- De forma que..., de Lima Barreto
- O nascimento da crônica, de Machado de Assis
- Falemos das flores, de José de Alencar

QUIOSQUE DE INFORMAÇÕES (clique nos links para acessar)

▶ **Vídeo:** [Como fazer ótimos títulos na redação? - Brasil Escola](#)

📄 **Texto:** José Menegassi, R., & Izabel Afonso Chaves, M. (2019).

O título e sua função estratégica na articulação do texto. Revista Linguagem & Ensino, 3(1), 27-44. <https://doi.org/10.15210/rle.v3i1.15510>. Disponível em <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rle/article/view/15510>

🔍 **Site:** [Como criar o título do seu texto: 5 dicas para não errar a mão | República](#)



ESTAÇÃO

Progresso em curso

Aqui é a estação em que você vai checar como está seu progresso na trilha: o quanto você já percorreu, o quanto ainda falta percorrer, o que é preciso rever, o que não precisa mais de tanta atenção e como está sua compreensão até o presente momento. Para essa checagem, preparamos um *quiz*, que servirão para verificar os conceitos apresentados na Estação “Ponto de Partida”. Seu progresso pode ser autoavaliativo, e você pode voltar e rever as questões que não ficaram bem compreendidas. Toda essa ação fortalece as estratégias utilizadas para o trabalho com o gênero e, conseqüentemente, com as boas práticas que vocês utilizam para alcançar excelentes resultados.

OBJETIVO: Verificar a compreensão sobre o gênero em questão até este momento do percurso.

QUIZ!

01. Qual característica explica por que a crônica é chamada de “serva de dois senhores”?

- a) Pertencimento simultâneo a contextos distintos, caracterizando-se por uma subjetividade com linguagem poética e comentários opinativos do cotidiano.
- b) Publicação apenas em livros literários, com estrutura fixa e métricas padronizadas.
- c) Estrutura rígida e fixa em seções, caracterizando-se por uma neutralidade total do autor e ausência de opinião.

02. Qual finalidade comunicativa melhor se adequa ao gênero crônica?

- a) Registrar apenas grandes eventos históricos, que marcaram uma civilização.
- b) Contrapor notícias sérias, permitindo ao leitor pensar um pouco e ir além da mera informação.
- c) Impor opiniões absolutas sobre acontecimentos cotidianos.

03. Qual característica pode diferenciar a crônica da notícia?

- a) Foco exclusivo em dados estatísticos.
- b) Neutralidade metodológica constante.
- c) Subjetividade e uso de linguagem poética.

04. Na comparação com o artigo de opinião, o que o diferencia da crônica, quanto ao tema e ao tempo dos fatos?

- a) O artigo de opinião tem como tema acontecimentos atuais, relevantes e controversos, por isso o tempo está próximo ao seu momento de produção.

b) O artigo de opinião tem uma característica sentimental e trata das vivências cotidianas, por essa razão foca no tempo presente para provocar o interesse dos leitores.

c) O artigo de opinião fixa-se apenas em controvérsias políticas históricas, como uma maneira de trazer o passado para o presente, ensinando seus leitores sobre esses acontecimentos.

05. Nos contextos apresentados na Estação Ponto de Partida, quem são os produtores da crônica?

- a) Apenas repórteres fotográficos.
- b) Jornalistas, escritores e estudantes.
- c) Exclusivamente críticos acadêmicos.

06. 6. O(a) professor(a) solicita que a turma produza crônicas sobre a vida escolar. Qual foco temático se alinha ao gênero crônica?

- a) Resumo técnico do currículo escolar.
- b) Registros oficiais das notas do trimestre.
- a) Fatos cotidianos e vivências dos estudantes.

07. Em atividades de leitura, por que a crônica favorece discussões aprofundadas em sala?

- a) Brevidade que facilita leitura e análise.
- b) Estrutura rígida com dados estatísticos que exige consulta.
- c) Extensão longa com múltiplos capítulos.

08. Ao escrever crônicas na escola, qual característica de linguagem facilita a produção pelos alunos?

- a) À escolha livre do tema pelo estudante, sem orientações.

b) À proposta de uma atividade ou comando de produção apresentado pelo(a) professor(a).

c) Ao uso de acontecimentos divulgados pela mídia.

09. Por que os assuntos das crônicas são considerados inúmeros?

a) Porque abordam diversos acontecimentos ou fatos do cotidiano.

b) Porque são sempre fictícios.

c) Porque não têm relação com a vida real.

10. Quais são as características do tratamento do tema em crônicas escolares?

a) Publicitário, persuasivo e comercial.

b) Técnico, impessoal e normativo.

c) Informal, pessoal e por vezes irônico.

11. O que caracteriza o discurso direto na crônica?

a) O narrador fala sozinho.

b) O narrador não aparece.

c) Dá voz explícita aos personagens.

12. O que ocorre ao utilizar o discurso indireto na crônica?

a) A voz do narrador e dos personagens se misturam.

b) O personagem desaparece.

c) Apenas o narrador fala.

13. Qual alternativa descreve elementos estruturais básicos de uma crônica mais narrativa, que conta uma história?

- a) Hipótese, método, resultados, discussão.
- b) Situação inicial, conflito, clímax, desfecho.
- c) Introdução, bibliografia, anexos, índice.

14. Justifique a afirmação: a crônica possui certa urgência em apresentar o assunto central.

- a) Porque precisa de muitos personagens.
- b) Porque o gênero é curto e não permite longas descrições.
- c) Porque não possui narrativa.

15. Qual a alternativa correta no que tange à contra-argumentação no gênero artiPor que é difícil fixar uma organização padrão para crônicas?

- a) Porque há diversos esquemas estruturais possíveis, a depender se é uma crônica mais narrativa ou um comentário.
- b) Porque há obrigatoriedade de formato jornalístico fixo que siga as orientações do jornal/revista de publicação.
- c) Excesso de normas acadêmicas, como ABNT ou APA.

16. Como o diálogo entre narrador e leitor pode ser estabelecido nas crônicas?

- a) Há um silêncio estratégico sem interpelações.
- b) Há um monólogo introspectivo sem perguntas.
- c) Há um tom conversacional com marcas de oralidade.

17. Escolha o exemplo que mais bem representa marcas típicas da oralidade:

- a) Certamente, ademais, portanto.
- b) Nossa!, Hum! Agora sim!
- c) Isto posto, destarte, por conseguinte.

18. Quanto à organização das informações do artigo de opinião pontuada na EstaQual a função das figuras de linguagem na crônica, como ironia e metáfora?

- a) Impedir ambiguidade sintática.
- b) Anular a voz do narrador.
- c) Marcam a abordagem literária do tema.

19. Diante de um título de crônica, que estratégia de leitura o leitor costuma adotar?

- a) Ignorar pistas e ler aleatoriamente.
- b) Focar no autor e desprezar o tema.
- c) Levantar expectativas sobre o assunto.

20. Ao empregar linguagem coloquial, a crônica busca principalmente:

- a) Priorizar tecnicismo e jargão.
- b) Envolver o leitor como em uma conversa cotidiana.
- c) Eliminar regionalismos e gírias.

Gabarito:

01. A	02. B	03. C	04. A	05. B	06. C	07. A	08. C	09. A	10. C
11. C	12. A	13. B	14. B	15. A	16. C	17. B	18. C	19. C	20. B



ESTAÇÃO



Traçando rotas

Essa é uma estação muito importante e que exigirá bastante reflexão, e vocês devem levar em consideração todas as experiências desses anos de profissão. A ideia é fazer com que vocês, professores(as), reflitam sobre os componentes que devem (e os que não devem) fazer parte do gênero trabalhado, para que, assim, consigam desenvolver esses elementos com os estudantes, em seus contextos educacionais. Para isso, vocês devem refletir acerca do conteúdo apresentado, bem como também experimentar as rotas propostas ao se aventurarem por alguns textos propostos no material.

OBJETIVO: Refletir sobre os elementos que compõem os exemplares do gênero em estudo.

ANÁLISE DA CRÔNICA 1

A Rua	
(João do Rio)	
1	Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda especial não pode ser comparado a
2	coisa alguma. A rua é a mais igualitária, a mais socialista, a mais niveladora das obras
3	humanas.
4	A rua nasce , como o homem, do esforço coletivo. Cada um dá um pouco de si, e a rua
5	fica sendo de todos. É nela que se cruzam as existências, que se misturam as dores e as
6	alegrias , que se confundem os destinos.
7	Há ruas alegres e ruas tristes, ruas barulhentas e ruas silenciosas, ruas que convidam
8	ao passeio e ruas que parecem feitas apenas para a pressa. Cada rua tem sua alma , seu
9	caráter, sua história.
10	A rua é o grande palco da vida moderna. Nela passam os trabalhadores, os estudantes,
11	os vendedores, os sonhadores. Nela se fazem encontros inesperados e despedidas
12	definitivas. Tudo acontece na rua.
13	É na rua que a cidade se revela. Quem quiser conhecer uma cidade deve andar pelas
14	suas ruas, observar seus hábitos, escutar suas vozes, perceber seus gestos. A rua fala —
15	e fala muito.
16	Ela guarda memórias. Quantos passos ficaram nela impressos? Quantas conversas,
17	quantos risos, quantos silêncios? A rua é testemunha muda do que fomos e do que
18	somos.
19	Por isso a rua vive. Vive mais do que as casas, mais do que os edifícios. Vive da
20	passagem humana, do movimento incessante, da vida que não para.
21	A rua é democrática: acolhe todos , sem distinção. É o espaço comum onde cada um é
22	apenas mais um — e, ao mesmo tempo, parte de um todo.
23	Eu amo a rua porque nela pulsa a vida.
Fonte: https://conselheiroacacio.wordpress.com/2011/03/05/a-rua-joao-do-rio/ (Adaptado para fins educacionais)	

LEGENDA:

 Marca da primeira pessoa do discurso |
  Diálogo com o leitor |
  Figura de linguagem

TÍTULO

- O título é curto e direto.
- Podemos refletir que, por sua brevidade, o leitor é levado a se interessar sobre o conteúdo, já que não se sabe exatamente o que se encontrará no texto. Isto é, esse título pode suscitar a curiosidade do leitor, persuadindo-o a ler toda a crônica.
- Essa curiosidade leva a diversas expectativas que podem ou não ser cumpridas ao final da leitura.
- No entanto, torna-se difícil a antecipação do assunto, o que pode contribuir para a abordagem literária, a qual não busca um título objetivo e que já exponha ao leitor tudo o que será encontrado durante a leitura.

TEMA E TRATAMENTO DO TEMA

Tema

- O assunto da crônica 1 é a "rua", não é uma rua específica, mas é o estar do lado de fora, em um lugar coletivo, construído por todos que ali andam, têm seus comércios ou serviços, se cruzam ou se encontram. A rua é aquele espaço comum acessível a todos, inescapável para todos, pois não se vive apenas dentro de casa ou em prédios. As ruas são os caminhos necessários para ir a algum lugar.
- Diante disso, podemos dizer que o tema da Crônica 1 é um tópico, cujos acontecimentos são cotidianos, próximos não apenas da realidade do narrador, mas da do leitor. Isso gera a exposição de ideias atraentes ao leitor, que levantam questões de sua vida e de suas vivências, gerando reflexão.

Tratamento do tema

- Nesta análise, indicamos que o tratamento do tema é pessoal ou subjetivo. Isso ocorre pela presença da primeira pessoa do discurso, assim como, pela

caracterização da "rua" por meio da percepção que o narrador tem dela – por exemplo, o uso constante de adjetivos.

- O tratamento do tema ainda pode ser tido como sentimental, analítico e reflexivo, uma vez que o narrador se envolve pessoalmente com a rua, propondo uma análise – mediante descrição das ruas –, e propondo ao leitor uma reflexão sobre esse tópico (linhas 16-17).
- O tratamento poético pode ser percebido pela presença de figuras de linguagem, discutidas mais à frente.

VOZES DO TEXTO

- Por se assemelhar a um comentário opinativo com um tratamento subjetivo e poético do tema, a voz que se percebe, ao longo da Crônica 1, é a voz do narrador: o que ele pensa, as suas opiniões.
- Não há personagens que interagem entre si, tampouco se percebe o ponto de vista de outro agente social, grupo ou instituição.

COMPOSIÇÃO: ORGANIZAÇÃO DAS INFORMAÇÕES

- Olhando para uma estrutura mais geral, a Crônica 1, A Rua de João do Rio, possui título, indicação do autor e o texto propriamente dito.
- Em relação ao texto, não se trata de uma narrativa sobre a rua, mas se aproxima de um comentário sobre esse lugar comum a todos.
- O texto ainda traz um aspecto opinativo, ou seja, o ponto de vista do escritor, configurando uma aproximação da função comunicativa de comentar acontecimentos cotidianos junto à exposição da opinião do autor sobre a questão.
- Desse modo, podemos sugerir a identificação de algumas estratégias para alcançar esse propósito:

ESTRATÉGIAS	TRECHO	LINHA
Apresentar o ponto de vista do narrador sobre o assunto	"Eu amo a rua."	1
Justificar o ponto de vista	"Esse sentimento de natureza toda especial não pode ser comparado a coisa alguma."	1-2
Caracterizar os fatos cotidianos ou o tópico em discussão	"A rua é a mais igualitária, a mais socialista, a mais niveladora das obras humanas." "A rua nasce, como o homem, do esforço coletivo. Cada um dá um pouco de si, e a rua fica sendo de todos. É nela que se cruzam as existências, que se misturam as dores e as alegrias, que se confundem os destinos." "Há ruas alegres e ruas tristes, ruas barulhentas e ruas silenciosas, ruas que convidam ao passeio e ruas que parecem feitas apenas para a pressa. Cada rua tem sua alma, seu caráter, sua história." "A rua é o grande palco da vida moderna. Nela passam os trabalhadores, os estudantes, os vendedores, os sonhadores. Nela se fazem encontros inesperados e despedidas definitivas. Tudo acontece na rua." "É na rua que a cidade se revela."	30-36
Envolver o leitor na reflexão	"Quem quiser conhecer uma cidade deve andar pelas suas ruas, observar seus hábitos, escutar suas vozes, perceber seus gestos. A rua fala — e fala muito."	13-15
Caracterizar os fatos cotidianos ou o tópico em discussão	"Ela guarda memórias."	16
Envolver o leitor na reflexão	"Quantos passos ficaram nela impressos? Quantas conversas, quantos risos, quantos silêncios?"	16-17
Caracterizar os fatos cotidianos ou o tópico em discussão	"A rua é testemunha muda do que fomos e do que somos." "Por isso a rua vive. Vive mais do que as casas, mais do que os edifícios. Vive da passagem humana, do movimento incessante, da vida que não para."	17-20

Caracterizar os fatos cotidianos ou o tópico em discussão	"A rua é democrática: acolhe todos, sem distinção. É o espaço comum onde cada um é apenas mais um — e, ao mesmo tempo, parte de um todo."	21-22
Retomar o ponto de vista do narrador sobre o assunto	"Eu amo a rua"	23
Justificar o ponto de vista	"porque nela pulsa a vida."	

ASPECTOS LINGUÍSTICOS

Diálogo

- Se uma das funções comunicativas da crônica é provocar reflexão, o diálogo é um recurso que envolve o leitor.
- O diálogo entre narrador e leitor pode ser facilmente percebido pela presença de perguntas que suscitam a reflexão e uma possível resposta de quem lê sobre sua própria vivência e relação com a rua.
- Além disso, o narrador abandona o "eu" para tratar de "nós". Não apenas ele mesmo, nem apenas os personagens citados (trabalhadores, estudantes, vendedores, sonhadores), mas incluindo o próprio leitor.
- O envolvimento do leitor se dá ainda por meio da sugestão indireta que o narrador faz para quem quer "conhecer uma cidade", assim, há como que um convite para que o leitor experimente andar pelas ruas e observá-las.

TRECHO	LINHA
"Quem quiser conhecer uma cidade deve andar pelas suas ruas, observar seus hábitos, escutar suas vozes, perceber seus gestos. A rua fala — e fala muito."	13-15
Quantos passos ficaram nela impressos? Quantas conversas, quantos risos, quantos silêncios?	16-17
"A rua é testemunha muda do que fomos e do que somos."	17-18

Figuras de linguagem

- A figura de linguagem predominante no texto é a personificação, ou seja, a atribuição de qualidades, ações ou sentimentos humanos a um ser inanimado, neste caso a rua.

PERSONIFICAÇÃO	
TRECHO	LINHA
"A rua nasce"	4
"Há ruas alegres e ruas tristes, ruas barulhentas e ruas silenciosas, ruas que convidam"	7
"Cada rua tem sua alma, seu caráter, sua história."	8-9
"observar seus hábitos, escutar suas vozes, perceber seus gestos. A rua fala — e fala muito."	14-15
"A rua é testemunha muda"	17
"Por isso a rua vive."	19
"Vive mais do que as casas, mais do que os edifícios."	19
"A rua é democrática: acolhe todos,"	21

- O lirismo do texto é percebido pelo uso dessa personificação, uma vez que não se trata apenas de uma opinião, de comentário ou de descrição baseada em características factuais sobre a rua.
- Isto ocorre porque a rua ganha vida e características humanas, e o texto leva o leitor a uma reflexão sobre a própria existência desse lugar e sobre o seu papel na vida humana.
- Além da personificação, percebe-se o uso da antítese, recurso que constrói a rua como esse lugar que não exclui, mas que tudo compreende a lhe dá vida.

ANTÍTESE	
TRECHO	LINHA
"Cada um dá um pouco de si , e a rua fica sendo de todos "	4-5
"as dores e as alegrias "	5-6
"Há ruas alegres e ruas tristes , ruas barulhentas e ruas silenciosas "	7
"ruas que convidam ao passeio e ruas que parecem feitas apenas para a pressa ."	7-8

- Percebemos a oposição entre as ideias do indivíduo e do coletivo; entre as alegrias e as dores ou da tristeza; entre a quietude e da agitação; bem como a oposição entre a calma de um passeio e a pressa.
- Por meio do tratamento poético, algo banal ou corriqueiro, pelo qual passamos todos os dias sem qualquer atenção, destaca-se e ganha contornos que nos levam à reflexão sobre a simultaneidade da vida e de como a rua é um lugar de interação, de trocas, de silêncio e de vida.

ANÁLISE DA CRÔNICA 2

Uma anedota	
(Lima Barreto)	
1	— Não sei por quê aquele diabo de gatuno cismou em me furtar.
2	— A ti ?
3	— Sim; a mim .
4	— Como foi isto?
5	— Conto-te . Eu morava num quarto pobre, na Rua de São Pedro. Era uma espécie de
6	sepultura , e eu só ia lá para dormir. Mais da metade do dia, passava eu na rua a
7	perambular. Certa noite, recolhi- me mais cedo e deitei- me no meu catre com muito sono.
8	Aí pelas tantas, despertei e vi que tinha um companheiro no quarto. Quem seria? Não
9	tive dúvidas! Agarrei um enorme "Nagant" que não sei onde arranjava e ameacei o intruso.
10	— Ele resistiu?
11	— Não. Rendeu-se logo, prendi -o e acompanhei -o para entregá-lo à polícia.
12	— Para quê?
13	— Ouve . Sáimos e, no caminho, pus -me a conversar com o rapaz . Gostei dele. Ao passar
14	por um café, ele me convidou para entrar e tomar alguma coisa. Aceitei . Dentro em
15	pouco, eu me esquecia que tinha diante de mim um sujeito que me queria roubar . Quando
16	nos despedimos, ele me perguntou: "Estás sem dinheiro?". Respondi-lhe: "Estou". Sabes
17	o que ele fez?
18	— Não.
19	— Passou-me uma prata de dois mil-réis .
Fonte: https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/14943/uma-anedota	

LEGENDA:

- Marca da primeira pessoa do discurso |
 Diálogo entre os personagens |
 Coloquialismo
 Marcas de oralidade |
 Figura de linguagem

TÍTULO

- O título é curto e direto.
- Suscita o interesse do leitor ao chamar uma crônica de anedota. Desse modo, o leitor cria uma expectativa acerca da razão da escolha de o título remeter a outro gênero.
- Podemos pensar que o título já dá indícios de uma breve narrativa humorística, que trará um elemento surpresa.

TEMA E TRATAMENTO DO TEMA

Tema

- Apesar de negativo, o assunto da Crônica 2 é bastante familiar ao brasileiro, seja ele de qualquer classe social, devido aos altos índices de furtos e roubos no país.
- Assim, o tema é um fato corriqueiro da vida dos brasileiros e que aborda a vivência de muitos expostos a essa violência.

Tratamento do tema

- O tratamento do tema é informal, relaxado e humorístico.
- Mesmo que trate de um aspecto totalmente negativo para quem tem sua casa invadida por bandidos, o tom do texto busca um tratamento voltado para o humor, já que a vítima nada tinha a oferecer. Se o bandido era pobre, não sabemos, mas ele tinha, com certeza, mais dinheiro que a vítima.
- O humor vem dessa contradição e inversão dos elementos.

VOZES DO TEXTO

- São percebidas três vozes ao longo da Crônica 2: o narrador – personagem principal –; seu interlocutor, do qual não sabemos quem é nem sua relação com o narrador; e o ladrão.
- As vozes do narrador e do interlocutor são percebidas por meio de um discurso direto alternado, marcado pelo uso do travessão.
- A voz do ladrão é representada por meio do discurso direto dentro da fala do narrador, o qual conta ao seu interlocutor o que se passou depois do café que tomaram o narrador e o bandido.

COMPOSIÇÃO: ORGANIZAÇÃO DAS INFORMAÇÕES

- Na Crônica 2, o autor do texto inicia a narrativa pelo conflito: um roubo ao narrador.
- Em seguida, ele volta para a explicação da situação inicial, antes da invasão ao seu quarto, para caracterizar sua situação de pobreza.
- Depois, reapresenta o conflito com mais detalhes, em que o gatuno está dentro do quarto, é ameaçado e imobilizado e levado para a polícia.
- Segue-se o desenvolvimento desse fato para um cenário inesperado, em que bandido e vítima conversam e vão tomar um café. Levanta-se o suspense, a emoção, sobre o que será que vai acontecer: algo ruim para a vítima?
- Fecha-se o texto com um acontecimento inesperado. O ladrão percebe a pobreza de sua vítima, que nada tinha a oferecer, e a ajuda com dinheiro.

ESTRATÉGIAS	TRECHO	LINHAS
Conflito	— Não sei por quê aquele diabo de gatuno cismou em me furtar. — A ti? — Sim; a mim. — Como foi isto?	1-4
Situação inicial	— Conto-te. Eu morava num quarto pobre, na Rua de São Pedro. Era uma espécie de sepultura, e eu só ia lá para dormir. Mais da metade do dia, passava eu na rua a perambular.	5-7
Conflito	Certa noite, recolhi-me mais cedo e deitei-me no meu catre com muito sono. Aí pelas tantas, despertei e vi que tinha um companheiro no quarto. Quem seria? Não tive dúvidas! Agarrei um enorme "Nagant" que não sei onde arranjava e ameacei o intruso. — Ele resistiu? — Não. Rendeu-se logo, prendi-o e acompanhei-o para entregá-lo à polícia. — Para quê?	7-12
Desenvolvimento/Climax	— Ouve. Saímos e, no caminho, pus-me a conversar com o rapaz. Gostei dele. Ao passar por um café, ele me convidou para entrar e tomar alguma coisa. Aceitei. Dentro em pouco, eu me esquecia que tinha diante de mim um sujeito que me queria roubar. Quando nos despedimos, ele me perguntou: "Estás sem dinheiro?". Respondi-lhe: "Estou". Sabes o que ele fez? — Não.	13-18
Desfecho	— Passou-me uma prata de dois mil-réis.	19

ASPECTOS LINGUÍSTICOS

Diálogo e coloquialismo

- O diálogo está bastante marcado na Crônica 2 devido ao uso dos travessões (—) que marcam a alternância dos turnos conversacionais entre dois personagens.
- Outra característica da oralidade é a presença de perguntas dentro da fala do personagem principal (o que conta sua história) e de seu interlocutor. Esse tom conversacional não ocorre diretamente entre narrador e leitor, mas entre os personagens.
- Podemos identificar ainda o uso de marcas conversacionais como “Conto-te” (linha 5), “Aí” (linha 8), “Ouve” (linha 13).
- Tais características reforçam uma característica da crônica: a de trazer temas cotidianos, voltados para as miudezas da vida, que estabeleçam uma conexão com a vida do leitor e o puxem para o texto.
- O coloquialismo reforça essa aproximação entre a crônica e o leitor, além de permitir um tom mais informal ao texto.

COLOQUIALISMO	
TRECHO	LINHA
“cismou”	1
“A ti?”	2
“Conto-te.”	5
“num”	5

Figuras de linguagem

- A construção da reflexão proposta na crônica se dá, primeiramente, pelo estabelecimento de que o personagem principal era bastante pobre, e isso pode ser evidenciado pelo uso da metáfora. Essa figura de linguagem estabelece uma semelhança entre o local em que o personagem mora e uma sepultura. Isto é, o quarto era pequeno e somente cabia uma pessoa (como são as sepulturas) e simbolizava que ele “tinha apenas onde cair morto” ao final dia ao final do dia. Fora isso, nada possuía.

METÁFORA	
TRECHO	LINHA
“aquele diabo de gatuno”	1
“Era uma espécie de sepultura,”	5-6

- A metáfora pode ser percebida também logo no início do texto, em que o narrador compara o ladrão a um “diabo”, atribuindo uma carga negativa a esse personagem.
- Mantendo essa visão negativa, há também o uso da ironia, ao chamar o bandido de “companheiro” (linha 8), quando, na verdade, ele estava ali invadindo o espaço sem autorização. Essa ironia é percebida principalmente pela reação defensiva que o narrador tem logo em seguida, ao pegar uma arma e conter o invasor.
- O fator inesperado da narrativa vai sendo construído pelos eufemismos, pois, depois de comparar o gatuno a um diabo e ironicamente chamá-lo de companheiro, o narrador passa a designá-lo de outras formas, indicando parceria e consideração, humanizando o ladrão.

EUFEMISMO	
TRECHO	LINHA
"o rapaz"	13
"um sujeito"	15

- Por fim, o texto finaliza com um paradoxo, em que o ladrão, em vez de roubar e prejudicar a vítima, a ajuda. O narrador estabelece que ali há um sujeito que o queria roubar, mas que resolveu dar-lhe algum dinheiro ao invés de tomar para si algo.
- O paradoxo está presente porque, normalmente, a vítima é que é possuidora de algum bem, mas o narrador era tão pobre que nada tinha a oferecer.
- As figuras de linguagem identificadas não trazem uma abordagem literária lírica ou poética propriamente dita; a combinação da narrativa e desses recursos linguísticos aponta para o tom humorístico da crônica.

Chegou a hora de aventurar-se!

Deixamos aqui, após as sugestões de rotas de leitura, análise e reflexão, um convite à aventura de explorar, vocês mesmos, os textos.

A seguir, apresentam-se dois exemplares para serem analisados, observando os elementos apresentados anteriormente. Boa aventura!

Crônica 3

DE FORMA QUE...
(LIMA BARRETO)

— Quando o meu primo Augusto me disse que os redatores das seções elegantes dos jornais do Rio eram muito apreciados e amimados pelas moças da alta roda carioca, eu não tive outro pensamento senão fazer-me redator de uma seção dessas para ter tão doces e ternas homenagens do belo sexo. Já andara metido nos jornais da capital da minha província; e, no intuito de adquirir prática, dias depois, criei no jornal de xxx, folha de grande circulação da minha cidade natal, uma seção mundana a que dei o título “*A vida chic*”. Essa minha cidade natal não tinha casa de chá, nem Rua do Ouvidor, nem banquetes no Assírio, pois lhe faltava uma Secretaria do Interior para manter um *luxuoso restaurant* igual ao do porão do Teatro Municipal, de modo que me via, em certas ocasiões, abarbadado para encher a seção. Corria aos jornais de modas e aos do Rio e dava conselhos sobre a elegância feminina. Tão estranho era eu a semelhança matéria que, obedecendo aos meus preceitos, as moças da minha cidade vieram a vestir-se do modo mais horroroso possível, porque, é conveniente dizer, para disfarçar a pilhagem que eu fazia nos colegas, embrulhava figurinos e casava mal as cores dos vestuários. O meu sucesso foi, porém, grande; e, animado por ele, parti para aqui. Consegui arranjar um lugar no *O Furo* - jornal da tarde que se acabava de fundar. Durante dois meses redigi a seção elegante “*A vida chic*” e fiz necrotério, Santa Casa e outras reportagens pouco alegres e *smarts*. Não recebi carta feminina alguma e não vi nem um ceitel, pois o dinheiro que o jornal rendia, ou que dava o capitalista comanditário, era pouco para sustentar os vários lares que o gerente mantinha. Bom pai de família... Estava já quase sem dinheiro, quando o distribuidor do *O Furo* - o Mercadante - convidou-me para redigir o seu jornal do “bicho”, intitulado *O Palpite*. Ganhava 50\$000 por semana e ele nos pagou sempre pontualmente. Acertava sempre no grupo, pois o jornal, nesta e naquela seção, acabava dando, diariamente, todos os 25 animais da loteria popular. Cartas choviam e certo dia recebi uma, perfumada, em papel de linho, na qual me era pedido um palpite na certeza, dado na seção mais estimada. Dei-o e acertei. Ao dia seguinte, recebi da mesma pessoa um curto bilhete.

— Que dizia?

— “Obrigada. Não sabes de que me salvaste. Amo-te muito. Vem amanhã. Na rua etc., etc.”

— De forma que?...

— De forma que com o palpite no bicho consegui o que não tinha obtido com a seção elegante: um amor.

Fonte: <https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/16691/de-forma-que>

Crônica 4

**AS ENCHENTES
(LIMA BARRETO)**

As chuvaradas de verão, quase todos os anos, causam no nosso Rio de Janeiro inundações desastrosas.

Além da suspensão total do tráfego, com uma prejudicial interrupção das comunicações entre os vários pontos da cidade, essas inundações causam desastres pessoais lamentáveis, muitas perdas de haveres e destruição de imóveis.

De há muito que a nossa engenharia municipal se devia ter compenetrado do dever de evitar tais acidentes urbanos.

Uma arte tão ousada e quase tão perfeita, como é a engenharia, não deve julgar irresolúvel tão simples problema.

O Rio de Janeiro, da Avenida, dos squares, dos freios elétricos, não pode estar à mercê de chuvaradas, mais ou menos violentas, para viver a sua vida integral. Como está acontecendo atualmente, ele é função da chuva. Uma vergonha!

Não sei nada de engenharia, mas, pelo que me dizem os entendidos, o problema não é tão difícil de resolver como parece fazerem constar os engenheiros municipais, procrastinando a solução da questão.

O prefeito Passos, que tanto se interessou pelo embelezamento da cidade, descurou completamente de solucionar esse defeito do nosso Rio.

Cidade cercada de montanhas e entre montanhas, que recebe violentamente grandes precipitações atmosféricas, o seu principal defeito a vencer era esse acidente das inundações.

Infelizmente, porém, nos preocupamos muito com os aspectos externos, com as fachadas, e não com o que há de essencial nos problemas da nossa vida urbana, econômica, financeira e social.

Fonte: <https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/14275/as-enchentes>



ESTAÇÃO

Área de descanso e meditação

Aqui é o momento em que vocês devem fazer uma pausa, respirar e observar o que fizeram. Essa estação serve também para compartilhar o que funcionou e o que não funcionou nas tarefas propostas por esse material, no que tange à aprendizagem e ao desenvolvimento do gênero. Nossa sugestão é que vocês façam uma autorreflexão sobre as práticas que vocês estão desenvolvendo com os estudantes. Para auxiliá-los nesse processo, cliquem no mural da trilha. Lá, vocês encontrarão alguns exemplos de perguntas que podem contribuir para o processo reflexivo e para o ensino crítico que devemos ofertar aos estudantes. Além dessas perguntas, escrevam outros questionamentos que vocês fizeram acerca de sua prática e coloquem-nos no guarda-volumes da trilha que você estiver percorrendo. Essas perguntas contribuem para o processo reflexivo e ajudam a rever várias das práticas que precisam ser repensadas, além de organizarem um relato preliminar necessário à 8ª Olimpíada para Professores de Língua Portuguesa.

OBJETIVO: Meditar sobre as práticas pedagógicas que contribuíram para o ensino do gênero em estudo, além de sugestões de adaptação para futuras versões desse material.

EXEMPLO DE PERGUNTAS



- Qual foi o maior desafio que você encontrou para trabalhar esse gênero em sala de aula?
- Como você avalia a preparação sugerida pelo material para trabalhar com esse gênero?
- O que você acredita que ficou faltando contemplar no material? O que você sugeriria que fosse acrescentado?
- Após estudar a proposta feita pelo material, você se sente mais preparado(a) para participar da 8ª Olimpíada para Professores de Língua Portuguesa? Por quê?
- Ao observar as produções de seus alunos, quais elementos você acredita que ainda não foram bem compreendidos por eles? Quais as estratégias que você utiliza (ou utilizará) para tentar reverter essa situação?
- Revendo algumas das produções dos estudantes, o que o(a) deixa orgulhoso(a) com o resultado que você vê? Por que você acredita que isso aconteceu?
- Quais são as etapas mais gratificantes desse processo para você? Por quê?



ESTAÇÃO

Recarga de saberes

Chegou o momento de recarregar as energias! Para isso, vamos contar com o apoio das tecnologias. Trouxemos algumas descrições sobre esses recursos, além de informações e orientações importantes sobre a Inteligência Artificial Generativa (IAGen), nas quais procuramos enfatizar suas potencialidades a partir de usos conscientes dessas ferramentas. Entre nessa estação e pensem em maneiras de integrar a tecnologia em sua prática pedagógica. Mãos à obra!

OBJETIVO: Ampliar o conhecimento sobre o uso das tecnologias e da Inteligência Artificial Generativa (IAGen) na prática pedagógica, principalmente no ensino de gêneros.

TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS X PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Reflexões sobre o uso de tecnologias em sala de aula

O avanço das tecnologias da informação e comunicação, nos últimos anos, tem afetado o modo de organização educacional e a forma de desenvolver o trabalho docente. Nesse sentido, a percepção sobre o uso de recursos tecnológicos na prática pedagógica tem moldado o pensamento de muitos educadores, que passaram a acreditar na capacidade automática da tecnologia de “solucionar” problemas intrínsecos à educação, considerando-a uma ferramenta com grande potencial para reorganizar as atividades que acontecem na escola, sejam elas simples ou complexas. A tecnologia, contudo, não é capaz de solucionar muitos dos problemas educacionais, mas, quando bem utilizada, pode colaborar com o trabalho pedagógico, desde que seu uso seja feito de forma consciente pelos(as) professores(as).



Dessa maneira, o(a) professor(a) deve promover o uso crítico das tecnologias dentro e fora da sala de aula, especialmente porque os estudantes precisam compreender suas diferentes formas de utilização, sabendo reconhecer quais momentos são mais adequados para sua implementação. Portanto, o recurso tecnológico na educação deve estar alinhado a um propósito educativo planejado pelo próprio docente, no qual se busca implementar a tecnologia como um apoio, e não como o centro de todo o processo de aprendizagem.



Como os recursos tecnológicos auxiliam o processo de ensino-aprendizagem?

Quando bem utilizadas, as tecnologias contribuem de diferentes maneiras com as etapas dos processos de ensino-aprendizagem. Diante disso, as ferramentas podem contribuir com as práticas de leitura, escrita e também de produção de conhecimento.

Visão geral sobre o uso das tecnologias na educação

É possível perceber a vulnerabilidade dos educadores diante da realidade tecnológica, que vem assumindo um lugar de destaque dentro das escolas. Assim, é fundamental estabelecer uma relação de equilíbrio entre o uso das tecnologias e as práticas pedagógicas, entendendo que a figura do(a) professor(a) continua sendo importante em sala de aula.

Recursos tecnológicos que podem ser úteis em sua prática

Nesta estação, vamos observar alguns dos recursos tecnológicos que vocês podem colocar em suas mochilas para auxiliá-los durante o percurso:

MENTIMETER

Uma ferramenta que pode ser usada para fazer perguntas aos estudantes e gerar resultados visuais, expostos para toda a turma. É uma boa tecnologia para promover discussões sobre os mais variados temas. **Acesse:** www.mentimeter.com/pt-BR



PADLET

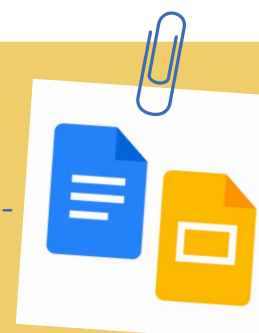
Site que permite a criação de murais virtuais colaborativos, onde os estudantes podem postar fotos, textos, vídeos e outras mídias produzidas por eles. **Acesse:** www.padlet.com



DOCUMENTOS E APRESENTAÇÕES DO GOOGLE

Essas funcionalidades do Google também são interessantes para trabalhos colaborativos, como pesquisas, já que vários estudantes podem editar um mesmo arquivo simultaneamente.

Acesse: docs.google.com | docs.google.com/presentation



CANVA

O Canva permite a produção de diversos tipos de materiais de forma colaborativa, como apresentações, cartazes, publicações para redes sociais, vídeos e documentos.

Acesse: www.canva.com/pt_br/

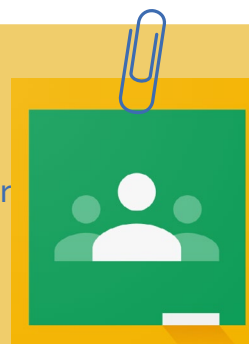
**KAHOOT!**

Uma plataforma gamificada que permite que os estudantes completem tarefas usando o celular. Acesse: kahoot.it/

**GOOGLE SALA DE AULA**

Plataforma do Google que permite a criação de um espaço educacional online, onde os(as) professores(as) podem interagir com os alunos, postar atividades e materiais didáticos, avaliar atividades, dentre outras funcionalidades.

Acesse: classroom.google.com/

**WAYGROUND**

Site para criação de materiais didáticos online, *quizzes*, apresentação de slides, vídeos interativos e mais.

Acesse: wayground.com/



Estes são apenas alguns recursos disponíveis, mas vocês podem explorar outros, sempre levando em consideração seus contextos de atuação e a realidade de seus estudantes.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA

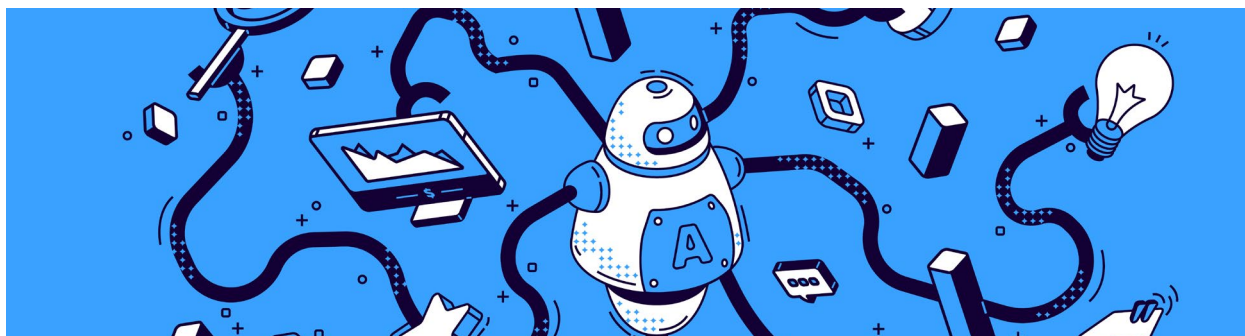


Imagem de @upkiyak no Freepik

Com o recente avanço das tecnologias que fazem uso da inteligência artificial generativa (IAGen), o que era impensável há alguns anos se tornou uma realidade palpável em um curto espaço de tempo: o uso de softwares e plataformas on-line para a produção de atividades criativas que eram antes exclusivamente humanas, como ilustrações, textos dos mais variados gêneros e até vídeos, tem se tornado cada vez mais comum. Entende-se que desconsiderar a existência de tais tecnologias ou proibir o seu uso na educação não são caminhos a serem considerados; ao contrário, faz-se importante buscar entendê-las e utilizá-las como recursos em favor do processo de ensino-aprendizagem. A partir disso, surge a preocupação sobre como uma tecnologia tão recente e inovadora pode ser utilizada de forma eficiente, ética e responsável, tanto por professores(as) quanto por estudantes.

Pensando nisso, trazemos a seguir alguns pontos a serem considerados pelos(as) professores(as) a respeito do uso da IAGen em sala de aula:

- **Conhecer e se familiarizar com os tipos de IAGen e como elas funcionam.** A fim de utilizar as ferramentas de IAGen de forma eficiente, é necessário reconhecer quais são as plataformas mais confiáveis e adequadas para o contexto em que se pretende utilizá-las. Há uma variedade de aplicativos de IAGen disponíveis na internet para o uso geral, alguns destinados à produção de textos (o *ChatGPT*, o *CoPilot* e o *Claude*), mas também existem os que são pensados para a produção de imagens (*DALL-E*, *ImageArt*), ou vídeos (*InVideo*, *Make-A-Video*), dentre outros. Cada uma dessas aplicações possui suas particularidades e respondem de diferentes formas aos comandos dados pelos usuários, os chamados *prompts**



</MAS AFINAL O QUE É UM **PROMPT**?>

No contexto do uso de IAGen, **prompts** são perguntas, instruções, ou quaisquer outros tipos de demandas textuais que resultam em uma resposta do software com o qual o usuário está interagindo. **Ao elaborá-los, é importante que o usuário considere três elementos essenciais:**

- 1. As informações sobre o autor do prompt;**
- 2. Principais características do comando, ou seja, uma boa contextualização da situação descrita;**
- 3. O propósito ou objetivo daquele prompt (SILVA, 2024).**

Sendo assim, pode-se dizer que entender como escrever e editar um **prompt** de forma ética, crítica e contextualizada é essencial para obter um resultado satisfatório ao usar a IAGen.

■ **Analisar de forma crítica os resultados obtidos quando se utiliza a IAGen como ferramenta para auxiliar na produção de recursos para uso em sala de aula.**

Ao utilizar a IAGen para a produção de atividades em sala de aula, planos de aula, apresentações de slides, vídeos educacionais, ou quaisquer outros tipos de materiais que auxiliem os(as) professores(as), é crucial que os resultados obtidos, por meio da IAGen passem, primeiramente pelo crivo do docente antes de serem aplicados em sua prática. Ainda que as ferramentas que fazem uso da IAGen produzam resultados com uma taxa considerável de coerência e exatidão, existe também uma margem de erro que não pode ser ignorada. Por vezes, os(as) professores(as) podem se deparar com frases sem sentido, informações falsas ou incompletas, ou com estratégias que não contemplam seus objetivos com aquele material. Nesse contexto, a análise dos resultados pode levar ao refinamento dos **prompts** utilizados, com o intuito de obter um resultado mais adequado à situação.

- **Assumir uma postura mediadora sempre à frente da ferramenta utilizada quando fizer uso da IAGen em práticas com os estudantes.** Quando se utiliza os aplicativos de IAGen para otimizar experiências interativas de aprendizagem com os estudantes, é importante que os(as) professores(as) ajam como mediadores e supervisores daquela interação. Por exemplo, se a proposta é que a IAGen emule um personagem que vai testar os conhecimentos de um(a) estudante a respeito de um assunto, participar dessa interação pode evitar que o(a) aluno(a) se depare com alguma informação equivocada e a interprete como uma resposta adequada, que não são comuns à escrita deles.



E SOBRE O USO INADEQUADO DA IAGEN POR PARTE DOS ESTUDANTES?

Uma das preocupações relacionadas ao uso de IAGen na educação é a possibilidade de que essa tecnologia incentive a substituição de produções genuínas por produções artificiais. Diante disso, surge o seguinte questionamento: **"como identificar o uso de IAGen nos textos produzidos pelos estudantes?"**. Infelizmente, não existe, até o presente momento, nenhum programa capaz de realizar essa checagem com 100% de acurácia, o que torna essa tarefa ainda mais desafiadora. Nesse contexto, uma possível estratégia para os(as) professores(as) consiste em mobilizar seu conhecimento prévio sobre as produções dos estudantes, aliado a um olhar atento para identificar elementos linguísticos, discursivos ou estilísticos que não são comuns à escrita deles.

Uso da inteligência artificial generativa em sala de aula

O uso da Inteligência Artificial Generativa (IAGen) em sala de aula, pode auxiliar a prática pedagógica, cooperando com o desenvolvimento de planos de aula, atividades individuais ou em grupo, estratégias de avaliação, dentre outros exemplos. Se utilizada de forma consciente, ética e crítica, ela tem o potencial de engajar os estudantes, promovendo acessibilidade aos materiais didáticos, proporcionando experiências interativas de aprendizagem. Apresentamos, na sequência, dois *prompts* para exemplificar como a IAGen pode contribuir com o trabalho dos(as) professores(as) em sala de aula.

Exemplo 1:

Prompt inicial (genérico)

Gere uma notícia sobre uma situação comum do cotidiano

Nesse exemplo, pedimos ao *ChatGPT* que produzisse uma notícia sobre uma situação do cotidiano, sem mencionar detalhes sobre o contexto. Em resposta ao comando dado, obtivemos o seguinte resultado:

Resultado do *Prompt* inicial

Moradores enfrentam atraso no transporte público após falha em semáforo no centro da cidade

Na manhã desta terça-feira, moradores que dependem do transporte público enfrentaram atrasos e congestionamentos no centro da cidade após uma falha em um semáforo de um dos cruzamentos mais movimentados da região. O problema foi registrado por volta das 7h30, horário de pico, afetando ônibus, carros e pedestres.

Segundo relatos de passageiros, alguns ônibus chegaram a atrasar mais de 20 minutos, o que gerou reclamações de trabalhadores e estudantes que seguiam para seus compromissos diários. “Saí de casa no horário de sempre, mas cheguei atrasado ao trabalho por causa do trânsito parado”, contou o auxiliar administrativo Carlos Mendes.

Agentes de trânsito foram acionados para organizar o fluxo de veículos até a chegada da equipe de manutenção, que conseguiu normalizar o funcionamento do semáforo por volta das 9h. Apesar da resolução do problema, os reflexos do congestionamento ainda foram sentidos ao longo da manhã.

A prefeitura informou, em nota, que fará uma revisão preventiva nos equipamentos da região para evitar novas ocorrências semelhantes e orientou motoristas a redobrar a atenção em casos de falhas na sinalização.



Como resultado, o *ChatGPT* gerou um texto simples de quatro parágrafos noticiando como um acontecimento comum, como uma falha em um semáforo, pode afetar o transporte público em uma cidade. Percebe-se que, nesse caso, sem um direcionamento específico, o ChatGPT proporcionou um resultado coerente e que pode ser útil para que os estudantes usem como base para a produção de uma crônica, porém, com a adição de algumas informações sobre o contexto, a IAGen pode entregar um resultado que contemple ainda mais a prática docente. Diante desse exemplo, quando professores(as) usam a IAGen apenas com base no resultado

apresentado, sem levar seus conhecimentos profissionais e pedagógicos para as atividades que desenvolvem em sala de aula, talvez não tenha tanto impacto no processo de aprendizagem dos estudantes. Nessa perspectiva, o que aconselhamos é que se entenda bem o que é um *prompt* e de que forma esse aprendizado de fato pode trazer contribuições. Apresentamos, na sequência, um exemplo de *prompt* mais contextualizado.

Confira no link a seguir o resultado completo: <https://chatgpt.com/share/695977e1-c0e0-8013-99ec-7b428e66ed41>

Nesse segundo exemplo, trouxemos informações detalhadas sobre o contexto educacional, incluindo o público-alvo, como também orientações que pudessem ser úteis para a produção de uma crônica a partir da notícia gerada. Vamos observar como ficou o novo *prompt* com essas mudanças? **Vamos observar como ficou o novo *prompt* com essas mudanças?**

Exemplo 2:

Prompt reformulado

Gere uma notícia sobre uma situação comum do cotidiano que sirva de base para que estudantes do 7º ano do ensino fundamental produzam uma crônica, adicione orientações de como eles podem fazer isso.



DICA

Algumas das informações que podem ser acrescentadas: Turma/série, perfil dos estudantes, faixa etária dos estudantes, tempo de aula, quantidade de estudantes, recursos disponíveis...

Resultado do *Prompt* reformulado

Claro! Segue uma **notícia curta**, baseada em uma situação comum do cotidiano, adequada para alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, seguida de **orientações para a produção de uma crônica**.

Notícia**Falta de energia surpreende moradores e muda a rotina do bairro**

Na noite da última terça-feira, moradores do bairro Jardim das Flores foram surpreendidos por uma queda de energia elétrica que durou cerca de três horas. O apagão começou por volta das 19h, justamente no horário em que muitas famílias estavam jantando ou assistindo televisão.

Sem luz, alguns moradores acenderam velas, outros aproveitaram para conversar com vizinhos na calçada, enquanto crianças brincavam com lanternas e celulares. Houve quem reclamasse do calor e do atraso nas tarefas escolares, mas também quem visse na situação uma oportunidade para desacelerar a rotina.

Segundo a companhia de energia, o problema foi causado por uma falha em um transformador e o fornecimento foi restabelecido gradualmente. Apesar do transtorno, o episódio rendeu histórias curiosas e momentos diferentes do habitual para os moradores do bairro.

Orientações para escrever a crônica

Agora, você vai transformar essa notícia em uma **crônica**, um texto que fala do cotidiano de forma leve, reflexiva ou bem-humorada.

1. Escolha um ponto de vista

- Você pode contar a história como se fosse **um morador, uma criança, um vizinho curioso** ou até um **narrador observador**.

2. Acrescente sentimentos e pensamentos

- Pense: como as pessoas se sentiram sem energia?
- Teve medo, tédio, diversão, irritação ou surpresa?

3. Use detalhes do dia a dia

- Descreva sons, cheiros, conversas, cenas simples (a vela derretendo, o silêncio da TV desligada, as estrelas no céu).

ooo

Confira no link a seguir o resultado completo: <https://chatgpt.com/share/69386533-9218-8013-a592-6f4841ecfee1>

Diferentemente do resultado do *prompt* inicial, o resultado agora apresentou, além de uma notícia com as características requisitadas, orientações para escrever uma crônica a partir dela. As orientações adicionadas destacam detalhes importantes para a escrita de uma crônica, como o ponto de vista de quem escreve, a presença de sentimentos e pensamentos na narrativa, a descrição de detalhes simples que enriquecem a experiência do leitor, entre outros. Todos esses fatores podem ajudar o professor a instruir os estudantes a produzirem uma boa crônica. Isso mostra que, quanto melhor for o *prompt*, melhor também será o resultado daquilo que se busca. Todavia, independentemente do resultado, o olhar crítico e atento do(a) professor(a) sempre será necessário para as tomadas de decisão em sala de aula, para que, assim, os objetivos de aprendizagem possam ser atingidos. Para melhor evidenciar as diferenças entre os dois *prompts* mostrados elaboramos a tabela a seguir:

Características contempladas	<i>Prompt</i> inicial	<i>Prompt</i> reformulado
A notícia gerada aborda um acontecimento comum do cotidiano?	Sim	Sim
Pode ser usado em contexto educacional?	Sim	Sim
A linguagem é adequada para estudantes do ensino fundamental?	Sim	Sim
Apresenta orientações ou informações adicionais para a produção de uma crônica?	Não	Sim
As orientações apresentadas são úteis e adequadas para a notícia gerada?	Não	Sim

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

Talvez você esteja se perguntando: que tipo de atividade posso fazer, com o auxílio da inteligência artificial (IA), para trabalhar o gênero crônica com meus alunos? Existem várias possibilidades, desde que você consiga contemplar os objetivos de ensino a que se propôs, fazendo, assim, um uso consciente que possa contribuir com o aprendizado dos estudantes. Como sugestão, apresentamos alguns *quizzes* que foram gerados com a ajuda da IA, conforme explicitamos na sequência.

ooo

Passo 1: Salve o texto que você quer transformar em quiz em formato PDF.

Para este material, selecionamos duas das crônicas presentes na estação Traçando Rotas e geramos um *quiz* para cada uma delas, utilizando o site <https://wayground.com/admin> (sugerimos que você crie uma conta gratuita para navegar pelo site). **Dica: faça a configuração da página em língua portuguesa.**

Passo 2

No próprio site, selecione a opção criar.

Passo 3

Na sequência, escolha a opção avaliação, que o(a) ajudará a revisar os conteúdos trabalhados em sala. (esse é um dos intuitos do *quiz*).

Passo 4

Em seguida, clique no quadrado “gere com IA”. Nesse momento, você deve carregar o texto que quer transformar em quiz.

Passo 5

Após carregar o documento, clique na opção “gerar questionário”.

Passo 6

Clique na opção traduzir questionário e, em seguida, escolha “português”.

Passo 7

Copie as questões que julgar convenientes, fazendo a revisão delas (para verificar se não será necessário fazer alguns ajustes linguísticos).

Passo 8

A partir daqui, use sua criatividade. Peça que os alunos respondam ao quiz e, a partir das respostas deles, você pode criar inúmeras possibilidades de atividades. Como exemplo:

- a) Você não precisa considerar apenas as respostas corretas. Você pode considerar as respostas dadas pelo(a) estudante e, a partir daí, você pode pedir que eles escrevam a crônica com base nas respostas que eles escolheram.
- b) Você pode pedir que os estudantes leiam a crônica que produziram com base na resposta do quiz. Nesse momento, você pode pedir que eles façam anotações sobre a crônica lida.
- c) Você pode propor um debate, convidando os estudantes a refletir sobre as informações que eles escreveram e que foram diferentes daquelas que foram apresentadas na crônica original. Esse exercício contribui para a formação de leitores críticos e reflexivos.

EXEMPLOS DE QUIZZES**A RUA**

01 - Quem é o autor da crônica "A Rua"?

- a) Clarice Lispector
- b) Carlos Drummond
- c) João do Rio
- d) Machado de Assis

02 - Qual afirmação melhor captura a ideia central dessa crônica?

- a) A rua divide as pessoas em grupos isolados
- b) A rua iguala e acolhe todas as pessoas
- c) A rua preserva apenas o barulho e o caos
- d) A rua existe apenas para viajantes apressados

03 – Qual o papel que a rua desempenha nessa crônica?

- a) Mercado exclusivo para vendedores
- b) Palco da vida urbana moderna
- c) Museu de estilos arquitetônicos
- d) Refúgio privado para reflexão solitária

04 - De acordo com o narrador, qual a relação entre rua e memória?

- a) A rua lembra dos prédios, mas não das pessoas
- b) A rua registra apenas histórias oficiais
- c) A rua guarda memórias através de vozes e gestos
- d) A rua apaga todos os vestígios do passado

05 - Qual o paralelo de características contrastantes das ruas é explicitamente destacado?

- a) Ruas antigas e recém-pavimentadas
- b) Boulevards claros e sombreados
- c) Ruas barulhentas e ruas silenciosas
- d) Avenidas silenciosas, porém, movimentadas

06 - Que ação o narrador recomenda para que se conheça uma cidade?

- a) Andar de transporte público nos horários de pico
- b) Andar pelas suas ruas e observar os hábitos cotidianos
- c) Estudar extensivamente os arquivos municipais
- d) Analisar cuidadosamente os projetos arquitetônicos

07 - Quais das figuras a seguir são mencionadas como parte dos grupos de pessoas que passam pela rua?

- a) Turistas
- b) Transeuntes
- c) Estudantes
- d) Passageiros

08 - Qual é a razão declarada pelo narrador para amar a rua?

- a) A rua exhibe grandes conquistas arquitetônicas
- b) A rua pulsa com vida e nunca para de se movimentar
- c) A rua oferece refúgio silencioso da sociedade
- d) A rua garante ordem e previsibilidade

09 - Qual descrição melhor reflete o caráter social da rua?

- a) Espaço democrático e inclusivo
- b) Ambiente neutro e distante
- c) Território regulado e controlado
- d) Espaço hierárquico e exclusivo

10 - Que contraste representa as ruas como "alegres" e "tristes"?

- a) Prosperidade econômica versus níveis de pobreza
- b) Experiências emocionais entrelaçadas com destinos
- c) Condições climáticas em diferentes estações
- d) Idade arquitetônica versus design moderno

AS ENCHENTES

01 - Quem é o autor da crônica "As Enchentes"?

- a) Jorge Amado
- b) Carlos Drummond
- c) Machado de Assis
- d) Lima Barreto

02 - Qual evento recorrente que causa inundações desastrosas no Rio de Janeiro é retratado por essa crônica?

- a) Rompimento de barragens
- b) Transbordamento de rios
- c) Tempestades de verão
- d) Chegada de furacões

03 - Qual consequência das enchentes é mencionada na crônica?

- a) Expansão de parques
- b) Redução nos custos de moradia
- c) Interrupção do tráfego
- d) Aumento do turismo

04 - A quem o autor atribui a responsabilidade pelas enchentes?

- a) À engenharia municipal
- b) À polícia federal
- c) Aos funcionários públicos
- d) Aos moradores da cidade

05 - Qual figura política é criticada por se preocupar mais com o embelezamento da cidade em vez de propor soluções para possíveis problemas?

- a) Prefeito
- b) Ministro
- c) Governador
- d) Senador

06 - Qual é uma das principais causas das enchentes que afetam a cidade?

- a) Precipitações atmosféricas violentas
- b) Barragens e diques insuficientes
- c) Construção ilegal em encostas
- d) Falta de sirenes de emergência

07 - Qual característica urbana está à mercê da chuva, afetando, assim, a vida cotidiana?

- a) Os armazéns do mercado
- b) A avenida e as praças
- c) As praias costeiras
- d) As fazendas nas encostas

08 - Que crítica o autor faz aos engenheiros municipais em relação às soluções para às enchentes?

- a) Procrastinar sobre o problema
- b) Investir excessivamente em drenagem
- c) Ignorar a geografia montanhosa
- d) Confiar apenas em financiamento privado

10 - De acordo com o autor da crônica, com o que as pessoas se preocupam que é menos essencial do que resolver problemas centrais?

- a) Com os planos de expansão do porto
- b) Com as regulamentações de comida de rua
- c) Com os aspectos externos, como fachadas
- d) Com as mudanças no agendamento de festivais

Após ler sobre tecnologias e IAGen, convidamos vocês para responder o questionário a seguir. Acertar pelo menos 50% das perguntas que trazemos aqui é o que mostrará que você estará pronto para a próxima estação. Vamos lá?

01. Sobre o uso de tecnologias da informação e comunicação, o que seria correto afirmar sobre a prática docente?

- a) Devido ao seu grande potencial para resolver os desafios comuns à docência, os recursos tecnológicos devem ser sempre implementados como o centro de todo o processo educacional.
- b) O uso de recursos tecnológicos na educação de forma geral, representa um grande perigo para educadores e aprendizes, pois apenas prejudica o ensino-aprendizagem e distrai os estudantes.
- c) Quando utilizadas com responsabilidade e de forma equilibrada, as tecnologias educacionais podem fortalecer ainda mais a prática docente, facilitando alguns processos e possibilitando atividades que conseguem engajar os estudantes.

02. Imagine que você deseja realizar uma atividade em que sua turma deve se dividir em grupos para apresentar um tema livre, defendendo um ponto de vista sobre ele. Diante desse cenário, qual dos recursos tecnológicos a seguir poderia ser sugerido para a criação visual dessa apresentação?

- a) Google sala de aula
- b) Canva
- c) Mentimeter

03. Sobre o uso de inteligência artificial generativa (IAGen) na prática pedagógica, o que podemos afirmar?

- a) O uso da IAGen não deveria ser considerado um recurso útil para a prática docente, visto que, por ser um recurso muito recente, não tem potencial para beneficiar o ensino-aprendizagem de nenhuma forma.

b) A IAGen surgiu com o intuito de substituir a figura do docente como mediador no processo de ensino-aprendizagem e, portanto, seu uso deve ser evitado em quaisquer circunstâncias.

c) Se utilizada de forma consciente, ética e crítica, a IAGen tem o potencial de engajar os estudantes nas aulas, promovendo acessibilidade nos materiais didáticos, adequando atividades a um contexto específico, dentre outros benefícios.

04. Em um cenário em que se deseja utilizar a IAGen para auxiliar na criação de um plano de aula, qual dos *prompts* a seguir pode ser considerado o mais adequado?

a) "Crie um plano de aula que abarque a produção textual para estudantes de uma turma do 9º ano, de uma escola pública com 20 estudantes e 50 minutos de duração, em que o objetivo geral seja 'Analisar criticamente textos de diferentes gêneros, identificando características comuns a eles'".

b) "Elabore uma atividade em que estudantes devem escrever um artigo de opinião".

c) "Crie um plano de aula para uma aula de produção textual".

Gabarito:

01. C 02. B 03. C 04. A



ESTAÇÃO

Hora do alongamento

Nessa estação convidamos vocês, professores(as), para avaliar o desempenho que alcançaram ao longo dessa caminhada. Por essa razão, sugerimos que façam um alongamento, já que o ato de se alongar após a prática de uma atividade física pode apontar não apenas os resultados alcançados, mas também as limitações enfrentadas, de modo que vocês consigam alcançar as metas que estão traçando para si mesmos. Para isso, desenvolvemos um *quizzes* com o objetivo de testar seus conhecimentos sobre o gênero Crônica. Ao final, vocês poderão consultar o gabarito para verificar o próprio desempenho. Aproveitem esse momento para refletir sobre os conteúdos que ainda precisam de maior compreensão. Preparem-se para testar e aprimorar seus conhecimentos. Vamos nessa!

OBJETIVO: Averiguar a compreensão dos conteúdos relacionados ao gênero crônica, por meio de *quizzes*.

VAMOS ALONGAR?

Durante práticas esportivas, é habitual que a caminhada seja concluída com um alongamento. É nesse momento que se assimila o esforço realizado ao longo do percurso, avalia-se o desempenho e reconhecem-se, assim, os limites enfrentados, o que permite uma preparação mais consciente para alcançar novas metas e ampliar as possibilidades de avanço. Nesta estação, a consolidação dos elementos apresentados nas estações anteriores e que são importantes na produção de uma crônica. **Os quizzes a seguir objetivam a análise de duas crônicas: O nascimento da crônica de Machado de Assis, e Falemos das flores, de José de Alencar.** Ao final, você terá acesso ao gabarito e poderá verificar seu desempenho. Este é o momento para identificar os conteúdos que podem ser melhorados. Prepare-se para testar e aprimorar seus conhecimentos!

Crônica 5

O NASCIMENTO DA CRÔNICA (MACHADO DE ASSIS)

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjecturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e La glace est rompue; está começada a crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

Fonte: <https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/18623/ha-um-meio-certo-de-comecar-a-cronica-ou-o-nascimento-da-cronica>

01. Na crônica “O nascimento da crônica”, o tratamento do tema é predominantemente:

- a) Objetivo e impessoal, como a notícia.
- b) Informal, subjetivo e reflexivo, como em uma conversa ou reflexão.
- c) Formal, técnico e impessoal, como em um artigo acadêmico.

02. Em qual trecho é possível identificar a personificação da crônica?

- a) “Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade.”
- b) “Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas.”
- c) “Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas.”

03. A crônica, conforme apresentada por Machado de Assis, tem seu nascimento em que contexto?

- a) Durante um enterro.
- b) Na criação do mundo, assim como Adão e Eva.
- c) Na primeira conversa corriqueira entre duas vizinhas, que conversaram sobre algo banal como o clima.

04. Qual é a opinião do autor sobre comentários sobre o calor?

- a) Ele afirma que não se deve reclamar do calor, pois provavelmente alguém está sofrendo mais com ele do que o(a) autor(a) do comentário.
- b) Ele endossa quaisquer comentários que refletem a realidade do(a) comentarista.
- c) Ele não se posiciona sobre esse assunto no texto.

05. Qual é o papel que o cronista assume em relação ao leitor?

- a) Ele é um narrador que conversa e comenta com o leitor sobre o cotidiano.
- b) Ele age como um professor que ensina conteúdos formais.
- c) Ele relata fatos de forma neutra e distante.

Crônica 6

**FALEMOS DAS FLORES
(JOSÉ DE ALENCAR)**

Falemos das flores.

O que é uma flor?

Será esta criação vegetal que na primavera se abre do botão de uma planta?

Não: a flor é o tipo da perfeição, é a mais sublime expressão da beleza, é um sorriso cristalizado, é um raio de luz perfumado.

Por isso há muitas espécies de flor.

Há as flores do vale — mimosas criaturas que vivem o espaço de um dia, que se alimentam de orvalho, de luz e de sombras.

Há as flores do céu — as estrelas — que brilham à noite no seu manto azul, como os olhos de uma linda pensativa.

Há as flores do ar — as borboletas — que têm nas suas asas ligeiras as mais belas cores do prisma.

Há as flores da terra — as mulheres — rosas perfumadas que ocultam entre as folhas os seus espinhos.

Há as flores dos lábios — os sorrisos — lindas boninas que o menor sopro desfolha.

Há as flores do mar — as pérolas — filhas do oceano que saem do seio das ondas para se aninharem no seio de uma mulher morena.

Há as flores da poesia — os versos — às vezes tão cheios de perfumes e de sentimentos como a mais bela flor da primavera.

Há as flores d'alma — os sentimentos — flores a que o coração serve de vaso, e as lágrimas de orvalho.

Há as flores da religião — as preces — modestas violetas que perfumam a sombra e o retiro.

Há as flores da harmonia — os gorjeios — que brincam nos lábios mimosos de uma boquinha sedutora.

Há as flores do espírito — os ziguezagues — que nascem sobre o papel como rosas silvestres e sem cultura.

(Não falo dos nossos ziguezagues, que, quando muito, são flores murchas).

Há enfim uma espécie de flor que é tão rara como a tulipa negra de Alexandre Dumas, como o cravo azul de Jean-Jacques, como o crisântemo azul de George Sand.

É a flor da vida, este sonho dourado, este puro ideal a que todos aspiram e de que tão poucos gozam.

Porque a flor da vida apenas vive um dia, como as rosas da manhã que a brisa da tarde desfolha.

E quando murcha, deixa dentro d'alma os seus perfumes, que são essas recordações queridas que nos sorriem ainda nos últimos tempos da existência.

Para uns a flor da vida nasce nos lábios de uma mulher; para outros no seio de um amigo.

Feliz do caminhante que à beira do bosque por onde passa colhe esta florzinha azul, espécie de urze cingida de uma coroa de espinhos.

Muitas vezes, depois de muitas fadigas, quando já tem as mãos feridas dos espinhos, e que vai colher a flor, ela se desfolha.

O vento soprou sobre ela, ou um verme roeu-lhe os estames.

Até aqui os meus leitores têm visto o mundo pelo prisma de uma flor; mas não se devem iludir com isso.

Algum velho político de cabelos brancos lhes dirá que isto são simples devaneios de uma imaginação exaltada.

A flor é a poesia, mas o fruto é a realidade, é a única verdade da vida.

Enquanto pois os poetas vivem à busca de flores, os homens sérios e graves, os homens práticos só tratam de colher os frutos.

Eles veem desabrochar as flores, exalar os seus perfumes, e esperam como o hortelão que chegue o outono e com ele o tempo da colheita.

E na verdade, a flor encerra sempre o germe de um fruto, de um pomo dourado, que outrora perdeu o homem, mas que é hoje a sua salvação.

A explicação disto me levaria muito longe, se eu não me lembrassemos que até agora ainda não escrevi uma linha de revista, e ainda não dei aos meus leitores uma notícia curiosa.

Mas, a falar a verdade, não me agrada este papel de noticiador de coisas velhas, que o meu leitor todos os dias vê reproduzidas nos quatro jornais da corte, em primeira, segunda e terceira edição.

Poderia dizer-lhe que depois da epidemia vai-se revelando uma outra epidemia de divertimentos, realmente assustadora.

Fala-se em clube artístico, em baile mascarado no teatro lírico, em passeios de máscaras pelas ruas, numa companhia francesa de vaudevilles, e em mil outras coisas que tornarão esta bela cidade do Rio de Janeiro um verdadeiro paraíso.

Neste tempo é que os folhetinistas baterão as asas de contentes, e não terão trabalho de escrever tiras de papel; preferirão ir ao baile, ao passeio, ao teatro, colher as flores de que hão de formar o seu bouquet de domingo.

Enquanto, porém não chega esta bela quadra, essa primavera dos nossos salões, esse abril florido da nossa sociedade, não há remédio senão contentarmo-nos com o que temos, e em vez de rosas, apresentar ao leitor as folhas secas do ano.

A respeito de teatro, não falemos; é uma casa em cujo pórtico (digo pórtico figuradamente) a prudência parece ter gravado a inscrição de Dante: — Guarda e passa.

Se desprezais o aviso e entrais, daí a pouco tereis razão de arrepender-vos.

Sentai-vos em uma cadeira qualquer: à vossa direita está um gruísta; à vossa esquerda um chartonista.

Levanta-se o pano: representa-se a Norma ou a Fidanzata Corsa; canta uma das duas prima-donas, uma das duas prediletas do público.

- Bravo! grita o gruísta entusiasmado.
- Que exageração! diz o chartonista estirando o beijo.
- Divino!
- Oh! é demais!
- Sublime!
- Insuportável!

E assim neste crescendo continuam os dois diletianti, de maneira que o vosso ouvido direito está sempre em completa oposição com o vosso ouvido esquerdo.

Cai o pano.

No intervalo conversai um pouco com os vossos vizinhos.

— É preciso ser completamente ignorante, diz o gruísta com o aplomb de um maestro, para não se apreciar a sublimidade do talento desta mulher!

Vós, meu leitor, que não quereis assinar um termo de ignorante, não tendes remédio senão confessar-vos gruísta, e em lugar de dois pontos de admiração dais três.

— Com efeito, é uma artista exímia!!!

Apenas acabais a palavra, quando o chartonista vos interroga do outro lado.

— É possível que um homem de gosto e de sentimento admita semelhantes exagerações?

Ficais embatucado; mas, se não quereis passar por homem de mau gosto, deveis imediatamente responder:

— Com efeito, não é natural.

Daí a um momento o vosso vizinho da direita retruca:

— Veja, todos os camarotes da 4ª ordem estão vazios.

— É verdade!

Torna o vizinho esquerdo:

— Com esta chuva, que casa, hem!

— Boa!

Agora acrescentai a isto as desafinações do Dufrene, a rouquidão do Gentile, os cochilos do contra-regra, e fazei ideia do divertimento de uma noite de teatro.

Fonte: <https://croniculas.blogspot.com/p/cronicas-de-antigamente.html>

01. Seria correto afirmar que a voz predominante na crônica de José de Alencar é a do narrador?

a) Não, pois há a presença de marcas conversacionais, travessões e diversos personagens que dão voz a diferentes pontos de vista.

b) Sim, porque há a ausência de personagens, o que leva à apresentação de uma reflexão subjetiva e individual do narrador-personagem.

c) Sim, porque não é perceptível nenhuma marca conversacional ao longo do texto, tampouco o discurso direto.

02. Em qual trecho é possível perceber uma metáfora?

- a) "Falemos das flores. O que é uma flor? Será esta criação vegetal que, na primavera, se abre do botão de uma planta?"
- b) "Há enfim uma espécie de flor que é tão rara como a tulipa negra de Alexandre Dumas, como o cravo azul de Jean-Jacques, como o crisântemo azul de George Sand."
- c) "A flor é o tipo da perfeição, é a mais sublime expressão da beleza, é um sorriso cristalizado, é um raio de luz perfumado."

03. No início da crônica, quando o autor pergunta "O que é uma flor?", esse recurso linguístico caracteriza:

- a) Discurso direto entre personagens.
- b) Diálogo implícito entre narrador e leitor.
- c) Linguagem técnica e explicativa.

04. As figuras de linguagem utilizadas na crônica dão ao texto:

- a) Uma interpretação única e fechada.
- b) Permitem identificar um tratamento poético do tema.
- c) Um caráter informativo.

05. Ao utilizar a antítese no trecho "Sentai-vos em uma cadeira qualquer: à vossa direita está um gruísta; à vossa esquerda um chartonista", qual sentido o narrador pretende construir?

- a) O narrador está propondo dois tipos de visão de mundo a partir de papéis sociais distintos.
- b) O narrador quer indicar a semelhança entre o cronista e o articulista.
- c) O narrador quer propor um exagero nas reações dos espectadores presentes em um teatro.

Gabarito crônica 5:

01. B 02. C 03. C 04. A 05. A

Gabarito crônica 6:

01. A 02. C 03. B 04. B 05. A



ESTAÇÃO

Ponto de chegada

Apresentamos nesta estação um *checklist*, para que vocês, professores(as), possam verificar como foi a caminhada durante essa trilha. Para isso, apresentamos, para cada uma das estações, algumas perguntas, seguidas de alternativas que vocês devem escolher. Ao realizarem essas escolhas, vocês devem verificar a legenda correspondente à quantidade de acertos. A checagem é simples. Vamos lá?

OBJETIVO: Verificar a aprendizagem acerca dos conteúdos propostos em cada uma das estações.

**ESTAÇÃO "PONTO DE PARTIDA"**

- ☐ Entendi o objetivo comunicativo do gênero crônica.
- ☐ Consegui identificar quem geralmente escreve uma crônica, para quem se escreve e com qual finalidade.
- ☐ Entendi como o gênero crônica estabelece uma relação de proximidade com o leitor.
- ☐ Reconheço que a crônica é um gênero que pode estar presente em mais de uma situação comunicativa.
- ☐ Reconheço a importância das figuras de linguagem para a construção de uma crônica.
- ☐ Compreendi a importância do trabalho com o gênero crônica em sala de aula..
- ☐ Entendi o que é o tema em uma crônica e como ele pode ser tratado no contexto escolar.
- ☐ Entendi o que significam as "vozes" (polifonia) dentro de uma crônica.
- ☐ Reconheço alguns dos aspectos linguísticos percebidos na crônica.
- ☐ Reconheço algumas possíveis estratégias de composição de uma crônica e a importância de um título para um texto deste gênero.

Se você marcou

1-4 - Que tal rever os conteúdos desta estação para que a sua caminhada seja melhor aproveitada?

5-7 - Seu progresso foi bom e você pode continuar, mas algumas coisas parecem ter ficado pelo caminho, considere voltar para esta estação e rever os pontos que podem não ter ficado claros.

8-10 - Parabéns! Você aproveitou ao máximo esta estação e está preparado(a) para continuar.



QUIOSQUE DE INFORMAÇÕES

- ☐ Acessei pelo menos um dos vídeos indicados.
- ☐ Acessei pelo menos um dos textos ou sites indicados.
- ☐ Reconheci que alguns dos materiais ajudaram a esclarecer conceitos que eu não dominava totalmente.
- ☐ Apreendi algo novo com alguns dos panfletos disponíveis no quiosque.
- ☐ Consegui relacionar os conteúdos do quiosque com minha prática docente.
- ☐ Reconheço a importância de buscar fundamentação teórica para minha prática.

Se você marcou



1-2 - Que tal rever os conteúdos desta estação para que a sua caminhada seja melhor aproveitada?

3-4 - Seu progresso foi bom e você pode continuar, mas algumas coisas parecem ter ficado pelo caminho, considere voltar para esta estação e rever os pontos que podem não ter ficado claros.

5-6 - Parabéns! Você aproveitou ao máximo esta estação e está preparado(a) para continuar.



ESTAÇÃO "PROGRESSO EM CURSO"

- ☐ Realizei o *quiz* com atenção.
- ☐ Compreendi as perguntas propostas.
- ☐ Consegui identificar o que havia e o que não havia ficado claro sobre o que foi visto na Estação "Ponto de Partida".
- ☐ Acertei pelo menos 50% das questões propostas no *quiz*.
- ☐ Revisei os conteúdos relacionados às questões que não acertei.
- ☐ Percebi um avanço em relação ao início da trilha.

Se você marcou



1-2 - Que tal rever os conteúdos desta estação para que a sua caminhada seja melhor aproveitada?

3-4 - Seu progresso foi bom e você pode continuar, mas algumas coisas parecem ter ficado pelo caminho, considere voltar para esta estação e rever os pontos que podem não ter ficado claros.

5-6 - Parabéns! Você aproveitou ao máximo esta estação e está preparado(a) para continuar.



ESTAÇÃO "TRAÇANDO ROTAS"

- ☐ Consegui compreender as escolhas linguísticas e temáticas dos autores das crônicas analisadas
- ☐ Reconheci as vozes presentes nas crônicas.
- ☐ Identifiquei as estratégias de organização das informações.
- ☐ Observei o uso da linguagem e da norma culta.
- ☐ Consegui perceber falhas comuns na escrita do gênero.
- ☐ Pensei em estratégias didáticas para ajudar meus estudantes a melhorar.
- ☐ Consigo justificar minhas análises com base no que foi estudado.

Se você marcou



1-3 - Que tal rever os conteúdos desta estação para que a sua caminhada seja melhor aproveitada?

4-6 - Seu progresso foi bom e você pode continuar, mas algumas coisas parecem ter ficado pelo caminho, considere voltar para esta estação e rever os pontos que podem não ter ficado claros.

7-8 - Parabéns! Você aproveitou ao máximo esta estação e está preparado(a) para continuar.



ESTAÇÃO "ÁREA DE DESCANSO E MEDITAÇÃO"

- ☐ Refleti sobre como ensino produção textual atualmente.
- ☐ Reconheci dificuldades minhas enquanto mediador(a).
- ☐ Percebi práticas que funcionaram bem.
- ☐ Reconheci práticas que precisam ser revistas.
- ☐ Relacionei teoria e prática pedagógica.
- ☐ Registrei perguntas sobre minha atuação.
- ☐ Considerei ajustes possíveis no meu planejamento.
- ☐ Entendi a autorreflexão como parte do processo formativo.

Se você marcou



1-3 - Que tal rever os conteúdos desta estação para que a sua caminhada seja melhor aproveitada?

4-6 - Seu progresso foi bom e você pode continuar, mas algumas coisas parecem ter ficado pelo caminho, considere voltar para esta estação e rever os pontos que podem não ter ficado claros.

7-8 - Parabéns! Você aproveitou ao máximo esta estação e está preparado(a) para continuar.



ESTAÇÃO "RECARGA DE SABERES"

- ☐ Compreendi como as tecnologias podem se relacionar à prática docente.
- ☐ Entendi que as tecnologias podem ser um recurso de apoio pedagógico.
- ☐ Consegui pensar em usos pedagógicos para os recursos apresentados.
- ☐ Entendi como posso utilizar a Inteligência Artificial Generativa (IAGen) de forma ética e responsável.
- ☐ Entendi o que é um *prompt* e sua importância.
- ☐ Consegui entender as implicações de orientar os estudantes sobre uso responsável da IA.

Se você marcou



1-2 - Que tal rever os conteúdos desta estação para que a sua caminhada seja melhor aproveitada?

3-4 - Seu progresso foi bom e você pode continuar, mas algumas coisas parecem ter ficado pelo caminho, considere voltar para esta estação e rever os pontos que podem não ter ficado claros.

5-6 - Parabéns! Você aproveitou ao máximo esta estação e está preparado(a) para continuar.



ESTAÇÃO "HORA DO ALONGAMENTO"

- ☐ Realizei o *quiz* com atenção.
- ☐ Compreendi as perguntas propostas.
- ☐ Acertei pelo menos 50% das questões propostas nos *quizzes*.
- ☐ Senti segurança para orientar os estudantes na reescrita de seus textos caso necessário.
- ☐ Revisei os conteúdos relacionados às questões que não acertei.
- ☐ Percebi um avanço em relação ao início da trilha.

Se você marcou



1-3 - Que tal rever os conteúdos desta estação para que a sua caminhada seja melhor aproveitada?

4-6 - Seu progresso foi bom e você pode continuar, mas algumas coisas parecem ter ficado pelo caminho, considere voltar para esta estação e rever os pontos que podem não ter ficado claros.

7-8 - Parabéns! Você aproveitou ao máximo esta estação e está preparado(a) para continuar.



Parabéns!

Você concluiu esta caminhada e esperamos que as experiências vivenciadas ao longo do percurso possam colaborar com a sua participação na **8ª Olimpíada para Professores de Língua Portuguesa**, assim como contribuir com reflexões sobre o gênero estudado. Repensar nossas práticas docentes é sempre um elemento importante na docência.

Antes de nos despedirmos, considere ler a introdução que preparamos sobre o **material bônus Estudo de Texto**, elaborado pelo Laboratório de Educação (Labedu).





Convite ao estudo de texto

MATERIAL BÔNUS

Na 8ª edição da Olimpíada para Professores de Língua Portuguesa, além dos materiais voltados para os gêneros poema, crônica, biografia e artigo de opinião, vocês terão acesso a um **material bônus desenvolvido pelo Labedu: o Estudo de Texto**.

E por que esse material é importante? Vamos entender um pouco mais sobre isso?

Os anos finais do Ensino Fundamental (do 6º ao 9º ano) marcam uma transição importante para os estudantes, já que eles deixam de ser meros “decodificadores” de palavras e passam a ocupar a posição de leitores(as) críticos(as). Dessa forma, o foco desta fase não é apenas conseguir entender o que está escrito, mas sim compreender para quem, como e por que determinados textos são construídos. E, para que se tenha êxito nesse processo, é importante que você, professor(a), repense alguns elementos da linguagem, como, por exemplo, a gramática. Ela deve deixar de ser entendida como uma lista de regras para se tornar uma ferramenta que deve ser utilizada para dar sentido ao texto, com base no contexto do(a) estudante.

Nesse sentido, é importante lembrar que o currículo brasileiro, baseado na BNCC (Base Nacional Comum Curricular), organiza os estudos do texto em eixos principais, cujo objetivo é contribuir com a aprendizagem dos(as) estudantes. Na sequência, apresentamos e discutimos um desses eixos, que será importante para a sua preparação na 8ª edição da Olimpíada para Professores de Língua Portuguesa.

Leitura e interpretação: pergunta norteadora — o chamado “o quê”?

Na visão de Scaramucci (2018), a leitura está longe de ser um ato passivo de decodificar letras. Dessarte, o ato de ler deve ser visto e compreendido como um processo interativo e social. Para a autora, o sentido não pode estar “preso” no texto, esperando o momento de ser extraído. Em vez disso, o sentido deve ser construído na interação entre:

A.

Leitor(a) e suas crenças, seus objetivos e seus conhecimentos prévios.

B.

Texto e as pistas estruturais e linguísticas que apresenta.

C.

Autor(a) e as intenções que ele(a) quis imprimir à determinada obra.

Em seu estudo sobre os modelos de leitura na reflexão docente, Lucas (2008) tece considerações importantes sobre a leitura e a interpretação, entendendo que o ato de ler não deve ser uma ação superficial. Dessa maneira, os estudantes devem ser estimulados a aprender a inferir informações, percebendo o que não está dito de forma explícita; identificar a tese, por meio do reconhecimento da opinião principal em textos argumentativos, e diferenciar uma opinião de um fato, habilidade essencial e que deve ser muito bem desenvolvida para evitar a desinformação na sociedade em que vivemos atualmente.

No que tange à leitura como prática social, é importante trabalhar desde cedo com os(as) estudantes a ideia de que ninguém “lê por ler”, mas que as pessoas leem para agir no mundo, para existir. Dessa maneira, quando buscamos saber mais sobre como montar uma mobília, por exemplo, lemos para seguir as instruções; quando estamos em um bairro desconhecido, precisamos ler as informações para que possamos nos situar, dentre várias outras situações, sempre levando em consideração o contexto em que determinada leitura acontece, já que o contexto determina em grande medida como o texto será interpretado.

Por fim, ao se trabalhar com o estudo do texto, é fundamental que professores(as) que lecionam para as séries finais do ensino fundamental promovam a leitura crítica, enfatizando que não basta entender apenas a gramática; o(a) leitor(a) precisa ser capaz de reconhecer as ideologias, as entrelinhas e o posicionamento do(a) autor(a), fomentando, assim, o letramento crítico, para que desde cedo os estudantes aprendam que nenhum texto é neutro.

Com relação ao letramento crítico, é fundamental fomentar nos aprendizes a prática de não aceitar passivamente tudo o que está escrito em um texto. Para isso, devemos incentivá-los a se tornarem detetives daquilo que eles(as) leem, investigando, assim, por quais razões um texto foi escrito, quais parecem ser as intenções, dentre outros elementos que forem considerados relevantes.

Ainda com relação ao pensamento crítico, é fundamental entender:



- **As relações de poder** presentes em um texto, reconhecendo para quais propósitos a linguagem é de fato utilizada;
- **O contexto social**, entendendo que todo texto surge com uma intenção específica, em uma determinada época e de acordo com as particularidades de uma cultura;
- **A ação e a agência**, percebendo que não basta apenas localizar o problema, é preciso agir para transformar possíveis injustiças.

Na visão de Duboc e Gattolin (2015), o letramento crítico deve ser um eixo central tanto na formação inicial quanto na formação continuada de professores(as), contribuindo, assim, para que os(as) docentes ressignifiquem suas práticas ao adotar uma postura crítica, especialmente na rede pública de ensino.

Ademais, as autoras discorrem sobre a importância de o letramento crítico ser explorado em materiais didáticos, considerando-se a multimodalidade (imagens, textos e diferentes mídias) para ampliar os paradigmas e as visões de mundo dos(as) estudantes.

O **Quadro 1**, a seguir, exemplifica algumas das informações que devem ser consideradas na prática do letramento crítico:

Quadro 1 – Perguntas que norteiam a prática docente rumo ao letramento crítico

PERGUNTA NORTEADORA	O QUE ELA REVELA?
Quem é o(a) autor(a)?	É possível evidenciar alguma perspectiva da parte de quem escreve o texto? O(a) autor(a) defende explicitamente um ponto de vista? Por quais razões?
Quem é o público-alvo?	Para quem esse texto é/foi escrito? Com quais objetivos? Quais elementos estão presentes nesse texto que demonstram (precisamente) que ele foi escrito para um determinado público-alvo?
Quais são as vozes ausentes?	Esse texto revela algum grupo que foi deixado de lado? Existe alguma comunidade que foi silenciada nesse texto? Por quê?
Qual é o objetivo (implícito)?	Se o texto quer vender algo, mudar uma opinião política ou reforçar um estereótipo.

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

Diante das considerações iniciais feitas, percebemos a importância de entender a leitura enquanto prática social e crítica. Isso nos leva à necessidade de aprofundarmos nossos conhecimentos sobre o que é o Estudo de Texto e como aplicá-lo não apenas como um caminho de leitura para os alunos, mas também como instrumento formativo para nós, professores(as), em nossa preparação.

Para compreender de forma mais aprofundada este campo de estudo e de que forma ele atravessa o ensino dos gêneros textuais, [confira o material completo sobre Estudo de Texto](#).



Estudo de Texto. Acesse: <https://oplp.cead.ufpi.br/trilhas-pedagogicas/>



Referências

ALVES FILHO, F. **Gêneros jornalísticos**: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental. São Paulo: Cortez, 2011. p. 17-88.

AQUINO, E. G.; SILVA, M. A. da; SOARES, M. J. B.; AQUINO, M. de F. de S. O processo de escrita literária com o gênero crônica nos anos finais do ensino fundamental. In: VII Encontro de Iniciação à Docência da UEPB & V Encontro de Formação de Professores da Educação Básica. **Anais**. Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enid/2019/TRABALHO_EV134_MD4_SA25_ID734_19102019190216.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2026.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. I – Problemática e definição e II – O enunciado unidade de comunicação verbal. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina G.G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 277-327.

BEZERRA, B. G. **Gêneros no contexto brasileiro**: questões (meta)teóricas e conceituais. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017. p. 33-46.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018, p. 57-459.

CARDOSO, J. A. **Crônica literária no jornal: história, estrutura e funcionamento**. 2008. 131 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2008. p. 65-69. Disponível em: <<https://tede2.pucgoias.edu.br/bitstream/tede/3270/1/JOSELINA%20ALVES%20CARDOSO.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2026.

CHALLCO, G. C.; CRUZ, W. M.; ISOTANI, S.; BITTENCOURT, I. I. **Inteligência Artificial Generativa na Educação**. E-book em PDF. IA.EDU/NEES, 2024. ISBN 978-65-01-23423-6. Disponível em: <https://iaedu.nees.ufal.br>. Acesso em: 29 nov. 2025.

COUTINHO, D. **Tecnologias educacionais: o que são e como usá-las na prática?** Nova escola, 2024. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/21894/tecnologias-educacionais-o-que-sao-e-como-usa-las-na-pratica>. Acesso em: 9 dez. 2025.

DUBOC, Ana Paula Martinez; GATTOLIN, Sandra Regina Buttros. **Letramentos e línguas estrangeiras: definições, desafios e possibilidades em curso**. In: LUCAS, Patrícia de Oliveira; RODRIGUES, Rosana Ferrareto Lourenço. Temas e rumos nas pesquisas em Linguística (Aplicada): questões empíricas, éticas e práticas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

HOLMES, W.; MIAO, F.; UNESCO. **Guia para a IA generativa na educação e na pesquisa**. Paris: UNESCO, 2024. E-book. (44 p.). ISBN: 978-92-3-700028-1. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000390241>. Acesso em: 9 dez. 2025.

IA Generativa na Educação: Como Fazemos? ProFuturo, 2024. Disponível em: <https://profuturo.education/pt-br/observatorio/competencias-xxi/ia-generativa-na-educacao-como-fazemos/>. Acesso em: 29 nov. 2025.

KOZOW, L.; SILVEIRA, M. I. M. **Recursos da oralidade na escrita: a linguagem das crônicas**. Educte: Revista Científica do Instituto Federal de Alagoas, v. 4, n. 1, 5 jan. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ifal.edu.br/educte/article/view/90>. Acesso em: 13 jan. 2026.

LUCAS, P. D. O. **A trajetória de uma professora de leitura em LE (inglês) repensando sua prática de ensino: contribuições para a formação do profissional reflexivo**. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

MARTINHO, M. I. dos S.; MARQUES, M. L. de L. **A crônica literária na sala de aula: entre a leitura e a produção**. Revista Humanidades e Inovação, v. 7, n. 1, fev. 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/1931>. Acesso em: 13 jan. 2026.

MOREIRA, A. F. B.; KRAMER, S. **Contemporaneidade, educação e tecnologia**. *Educação & Sociedade*, v. 28, p. 1037-1057, 2007.

QUAIS os impactos do ChatGPT e da Inteligência Artificial na Educação? Portal do IFSC, 2023. Disponível em: <https://www.ifsc.edu.br/web/ifsc-verifica/w/quais-os-impactos-do-chatgpt-e-da-inteligencia-artificial-na-educacao->. Acesso em: 29 nov. 2025.

NEIVA, E. M. C. A. **Crônica no Universo jornalístico e literário**. *Contemporânea*, v. 3 n. 1, p. 123-139, 2005. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/contemporanea/article/view/17071/12558>. Acesso em: 12 jan. 2026.

PINTO, M. de O. **Um lead para a crônica.** In: **XVII Congresso de Ciências da Comunicação.** Anais. Natal, Rio Grande do Norte, 2015. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-0726-1.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2026.

SANTOS, A. P. A.; STRIQUER, M. dos S. D. **Um modelo didático do gênero textual crônica jornalística.** Muiiraquitã: Revista de Letras e Humanidades, v. 5, n. 1, p. 187-201, jun. 2017. DOI: 10.29327/216343.5.1-10. Disponível em: <<https://periodicos.ufac.br/index.php/mui/article/view/1387>>. Acesso em: 13 jan. 2026.

SCARAMUCCI, M. V. R. **Letramento em avaliação (em contexto de línguas): Contribuições para a Linguística Aplicada, educação e sociedade.** A Linguística Aplicada no Brasil: rumos e passagens, p. 141-165, 2016.

SILVA, P. R. B. S.; SANTOS JÚNIOR, G. P. dos (colab.). **Inteligência artificial, linguagens e educação.** Aracaju: Editora IFS, 2024. E-book. (117 p.). ISBN: 978-85-9591-221-2. Disponível em: <https://repositorio.ifs.edu.br/biblioteca/handle/123456789/2069>. Acesso em: 9 dez. 2025.

TOLEDO, L. F. **Dá para identificar texto gerado por inteligência artificial?.** BBC News Brasil, Londres, 30 jun. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c4gkwxq8we3o>. Acesso em: 9 dez. 2025.



OLIMPÍADA

para Professores de
Língua Portuguesa

8ª edição - 2026